



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO - PPGCULT
MESTRADO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

GLEYCE MARTINS DE CARVALHO

MULHERES BENZEDEIRAS E A R-EXISTÊNCIA DE PRÁTICAS E SABERES
ATRAVÉS DE REZAS E PLANTAS QUE CURAM

ARAGUAÍNA – TO

2022

Gleyce Martins de Carvalho

MULHERES BENZEDEIRAS E A R-EXISTÊNCIA DE PRÁTICAS E SABERES
ATRAVÉS DE REZAS E PLANTAS QUE CURAM

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Cultura e Território

Orientador: Professor Doutor Dernival Venâncio Ramos Júnior

Coorientadora: Professora Doutora Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Araguaína – TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C331m Carvalho, Gleyce Martins de .

MULHERES BENZEDEIRAS E A R-EXISTÊNCIA DE PRÁTICAS E SABERES ATRAVÉS DE REZAS E PLANTAS QUE CURAM.. / Gleyce Martins de Carvalho. – Araguaína, TO, 2022.

136 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2022.

Orientador: Demival Venâncio Ramos Júnior

Coorientadora : Sariza Oliveira Caetano Venâncio

1. Mulheres. 2. Benzimento. 3. Plantas medicinais. 4. Comuns. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gleyce Martins de Carvalho

MULHERES BENZEDEIRAS E A R-EXISTÊNCIA DE PRÁTICAS E SABERES
ATRAVÉS DE REZAS E PLANTAS QUE CURAM

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Cultura e Território como requisito para obtenção do Título de Mestre em Estudos de Cultura e Território e aprovado em sua forma final pelo orientador e pela Banca examinadora.

Aprovada em: 29/03/2022

Banca Examinadora:

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Professor Doutor Dernival Venâncio Ramos Júnior – UFT (Orientador)

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Professora Doutora Sariza Oliveira Caetano Venâncio – UFT (Coorientadora)

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Professora Doutora Kênia Gonçalves Costa - UFT (Examinadora)

Dernival Venâncio Ramos Júnior

Professora Doutora Maíra Cavalcante Vale - USP (Examinadora)

Às mulheres que vieram antes de mim,
especialmente, minhas bisavós Aurora,
Virgilina, Esmeraldina e Olinda; minhas
avós Maria da Penha e Olgarina e minha
mãe Maria de Fátima.

AGRADECIMENTOS

Acredito que tudo que vivenciamos nesta vida, experiências e situações, tem a hora exata de acontecer, e só acontece quando temos conosco aqueles que podemos contar. Confesso que em 2019, quando iniciava os caminhos desta pesquisa, não fazia ideia que, no meio do percurso, enfrentaria caminhos tortuosos e angustiantes causados por uma pandemia global. Porém, pude contar com o carinho e amizade de pessoas muito queridas e de coração grandioso que me ajudaram a passar por este momento de forma menos dolorida. A estas pessoas, minha mais sincera gratidão!

Agradeço imensamente as interlocutoras/coautoras desta pesquisa, dona Raimunda e dona Valdeci, mulheres de grande sabedoria e força! Sou grata pela partilha dos conhecimentos e das memórias, pela disponibilidade dos agradáveis encontros, pela acolhida em suas casas, pelo carinho e relações de afeto que foram construídos. Guardo vocês no meu coração para sempre!

Ao professor Dernival Venâncio Ramos Júnior, por aceitar me orientar nesta pesquisa, a disponibilidade de compartilhar seus conhecimentos e pontos de vistas, mas também por compreender e respeitar minhas decisões durante todo processo, pelas conversas, incentivos, parceria e conselhos quando as coisas não estavam bem. Sou grata pela paciência, confiança e amizade.

A professora Sariza Oliveira Caetano Venâncio, que na posição de coorientadora, foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Agradeço pelos constantes incentivos, pelo privilégio da sua companhia e parceria nas pesquisas de campo e por também compartilhar seus conhecimentos e experiências comigo. Obrigada pela amizade, carinho e acolhida! Você é minha grande inspiração do que é ser uma professora!

Agradecimento especial para minha irmã Sheyse, a qual nutro grande carinho e admiração. Com você aprendi a ir atrás dos meus sonhos e é você o meu maior exemplo de força e perseverança. Obrigada pelo apoio constante desde os primeiros momentos desta pesquisa. Não tenho palavras para agradecer toda paciência em ouvir meus lamentos e desabafos, e pelo incentivo e ajuda para cumprir mais esta etapa em minha vida. Sem sua imensa ajuda, não teria conseguido!

Aos meus pais, Maria de Fátima e Alcedir, e meu avô, Sebastião, que também me apoiaram de todas as formas que puderam. Agradeço pelo carinho e cuidado que sempre tiveram comigo, pela educação e ensinamentos que ajudaram a me tornar ser quem sou. Obrigada, amo vocês!

Aos amigos da turma PPGCult, agradeço o acolhimento e afeto durante todo o processo, mas principalmente, nos tempos difíceis que passamos de isolamento social e com as grandes perdas de amigos queridos. Sou grata pelas conversas, lanches compartilhados, ajuda com textos e dúvidas com documentações necessárias para o andamento da pesquisa. Conseguimos! Tenho muito orgulho de ter trilhado este caminho com vocês!

Aos amigos do Rio de Janeiro, Camila, Érica, Greyce, Valquíria, Thiago, Jorginho, Débora, Gustavo, Juliana e Marquinhos que mesmo distantes se fizeram presentes, sempre perguntando se estava tudo bem e mandando energias positivas. Um agradecimento especial para minha amiga Fernanda Mota que sempre esteve disponível para me ouvir, principalmente, sobre a pesquisa, incentivando, acompanhando cada etapa e indicando músicas, cursos e leituras. Obrigada por tudo!

As professoras Kênia e Maíra, por aceitarem a participar da banca de qualificação e da defesa desta dissertação. Agradeço pelas grandes contribuições, sugestões e leitura cuidadosa do texto.

As políticas públicas de educação, que permitiram a minha permanência na pós-graduação concedendo a bolsa de pesquisa.

Aos profissionais de educação que lutam cada dia por uma educação pública, gratuita e de qualidade!

RESUMO

Esta pesquisa propõe compreender como perpetuam as práticas e saberes sobre benzimento, como elas se mantêm e se conservam a partir da análise da história de vida de duas mulheres que realizam benzimentos no contexto urbano. Destacamos a importância do saber sobre rezas e plantas medicinais que, atualmente, é majoritariamente feminino e sobrevive por gerações. Buscamos também compreender como as práticas de benzimento podem ser relacionadas com os “comuns”, uma vez que estas práticas não são mercantilizadas. Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica identificando os principais autores sobre a temática em questão, e pesquisas documental e de campo. Identificamos que esses saberes se mantêm, justamente por serem as mulheres as principais multiplicadoras desse saber. Muitas pessoas ainda procuram por esta forma alternativa de cura para curar seus males, mesmo com o avanço da medicina e uma maior acessibilidade a hospitais e medicamentos, fomentando a permanência das práticas de benzimento. Destacamos também a importância de trabalhos como este para contribuir na preservação da memória das mulheres benzedoras da região norte.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Benzimento, Plantas medicinais, Comuns, Saberes.

RESUMEN

Esta investigación se propone comprender cómo se perpetúan, cómo se mantienen y conservan prácticas y saberes sobre las bendiciones a partir del análisis de la historia de vida de dos mujeres que realizan bendiciones en el contexto urbano. Destacamos la importancia de conocer sobre rezos y plantas medicinales, que actualmente es mayoritariamente femenina, y que sobrevive por generaciones. También buscamos comprender cómo las prácticas de bendición se pueden relacionar con los “bienes comunes”, ya que estas prácticas no se mercantilizan. Para lograr los objetivos se realizó una investigación bibliográfica identificando los principales autores sobre el tema en cuestión, así como una investigación documental y de campo. Identificamos que este conocimiento permanece, precisamente porque las mujeres son las principales multiplicadoras de este conocimiento y la permanencia de las prácticas de bendición, aun con el avance de la medicina y una mayor accesibilidad a hospitales y medicinas, las poblaciones siguen buscando esta forma alternativa de curación para curar sus males espirituales. También destacamos la importancia de trabajos como este para contribuir a la preservación de la memoria de las curanderas de la región norte.

PALABRAS CLAVE: Mujeres, Bendición, Plantas medicinales, Común, Conocimiento

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

APÊNDICES

Apêndice 1- Registro das plantas medicinais	99
---	----

FIGURAS

FIGURA 1- Trajetórias das benzedeadas.....	35
FIGURA 2- Localização das duas benzedeadas na área urbana de Araguaína.....	38
FIGURA 3- Dona Raimunda	44
FIGURA 4 - Reciprocidade na prática do benzimento.....	50
FIGURA 5 - Dona Raimunda realizando benzimento.....	52
FIGURA 6 - Vassourinha (<i>Scoparia dulcis</i>)	53
FIGURA 7- Dona Valdecia	55
FIGURA 8 - Objetos utilizados para benzer.....	66
FIGURA 9 - Casa da benzedeadas Raimunda.....	69
FIGURA 10- Imagem de São Lázaro	70
FIGURA 11- Altar da casa de D. Raimunda.	72
FIGURA 12 - Quintal de dona Raimunda	73
FIGURA 13- Lateral direita do quintal.....	73
FIGURA 14- Presença de animais no quintal.....	74
FIGURA 15- Parte dos fundos do quintal	74
FIGURA 16- Alimento para aves	75
FIGURA 17- Antigo estádio de futebol "Gauchão"	76
FIGURA 18 - Casa da benzedeadas Valdecia	78
FIGURA 19- Altar da Tenda Santa Joana D'Arc	79
FIGURA 20 - Lago de Iemanjá	80
FIGURA 21- Dona Valdecia mostrando algumas plantas do quintal	80
FIGURA 22- Parte lateral do quintal onde estão concentradas a maioria das plantas medicinais	81

FIGURA 23- Dona Valdeci explicando os benefícios da arruda.....	81
FIGURA 24 - Quintal de dona Valdeci	82
FIGURAS 25 e 26- Tenda e Cruzeiro	82

QUADROS

Quadro 1 – Quantidade de acusados na colônia de acordo com as culpas atribuídas.	30
Quadro 2 - Plantas medicinais do quintal de dona Raimunda.....	76
Quadro 3 - Plantas medicinais do quintal de dona Valdeci.....	83
Quadro 4 - Saberes de dona Valdeci	85

TABELAS

Tabela 1- Religiões em Araguaína.....	42
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEUB – Confederação Espírita Umbandista do Brasil

CPT – Comissão Pastoral da Terra

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins

NEUZA – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Saberes e Práticas Agroecológicas

UHE – Usina Hidrelétrica de Estreito

MASA – Movimento Aprendizes da Sabedoria

CIMBA – Companhia Industrial e Mercantil da Bacia Amazônica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
<i>Caminhos Percorridos: Definição da Pesquisa</i>	18
<i>Apresentando a Pesquisa.....</i>	21
<i>Metodologia.....</i>	22
<i>Estrutura do Trabalho</i>	26
CAPÍTULO I.....	28
1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O BENZIMENTO E A FORMAÇÃO TERRITORIAL E RELIGIOSA EM ARAGUAÍNA	28
1.1 “Um conjunto de palavras sagradas e que protege tanto quem tá benzendo como quem tá recebendo aquele benzimento”: o que já sabemos sobre as práticas de benzimento.	28
1.2 Trajetórias das interlocutoras e a formação de Araguaína.	33
1.3 Religião e Cultura	40
CAPÍTULO II.....	43
2 INICIAÇÃO NO BENZIMENTO, PROCESSO DE APRENDIZAGEM E MANUTENÇÃO DO SABER.	43
2.1 Primeiro encontro com dona Raimunda	43
2.1.1 “Oh aí, ela é uma menina, eu vou falar pra senhora, ela é média santa”. Os primeiros sinais do dom da benzedeira Raimunda.	46
2.1.2 “Por que a mãe desse menino não benze ele?” Eu não sabia benzer, aí ela falava: “Por que você não reza?” O que eu rezo, gente?”	47
2.1.3 As práticas do benzimento e a formas de manutenção desse saber.	51
2.2 Primeiro Encontro com dona Valdeci.....	55
2.2.1 “Nunca deixem essa menina perto de água.” Os primeiros sinais do dom de dona Valdeci	57
2.2.2 “Quando eu cheguei, dentro da minha cabeça disse assim ‘Vai curar o homem em nome de Deus’, mas eu digo ‘Eu não tô doida, o que que eu sei fazer?’. Processo de formação de dona Valdeci.	58
2.2.3 Experiencias e práticas do benzimento e a formas de manutenção desse saber.	62
CAPÍTULO III.....	67
3 QUINTAIS COMO TERRITÓRIO DE CURA.....	67

<i>3.1 Conhecendo o território de cura de dona Raimunda</i>	69
<i>3.2 Conhecendo o território de cura de dona Valdeci</i>	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
FONTES ORAIS	94
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	99
APÊNDICES	107

INTRODUÇÃO

Caminhos Percorridos: Definição da Pesquisa

Durante a graduação no curso de geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a disciplina de Geografia Agrária foi a que mais me interessou. Estudar os Movimentos Sociais, as Comunidades Tradicionais eram temas que despertavam em mim grande curiosidade. Nos trabalhos de campo da disciplina, tive a oportunidade de conhecer, um pouco mais de perto, assentamentos do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra localizados no estado do Rio de Janeiro. Foi a primeira vez que tive contato com a produção orgânica e práticas agroecológicas. Desde então, sempre que possível, buscava conhecer mais sobre Agroecologia e o protagonismo das mulheres neste campo.

Desse modo, tendo em vista o meu grande interesse pelo assunto, a proposta inicial para o projeto do mestrado era realizar uma pesquisa sobre mulheres e seu protagonismo na agroecologia, principalmente na preservação e manutenção dos saberes agroecológicos. Com o projeto aprovado, a comunidade escolhida para a pesquisa foi a Ilha Verde, localizada em Babaçulândia, cidade próxima a Araguaína. A comunidade era formada por 37 famílias, onde as mulheres eram as principais responsáveis pela produção de hortaliças, entre outros produtos e pela pesca. Essa produção era vendida nas feiras organizadas por elas na área urbana da cidade. Era o campo perfeito para a pesquisa.

O mestrado teve início em agosto de 2019 e em 11 de setembro, um mês depois, recebemos a notícia da ordem de despejo da comunidade Ilha Verde. Diante da notícia, houve a necessidade de repensar os caminhos da pesquisa. As famílias da comunidade Ilha Verde foram divididas em diferentes reassentamentos provisórios e uma das alternativas era acompanhar o processo de reconstrução e adaptação dessas famílias em um desses locais. Outra, era buscar por uma nova comunidade.

Ainda com muitas dúvidas, sem saber como dar seguimento a pesquisa, fui informada pelo meu orientador que entre os dias 24 e 27 de outubro, seria realizado o 5º Encontro Tocantinense de Agroecologia, na cidade de São Miguel do Tocantins, localizada na região conhecida como Bico do Papagaio, norte do Tocantins. O evento seria uma oportunidade de encontrar lideranças e ter contato com pessoas de outras comunidades agroecológicas da região.

Chegando próximo a data do evento, consegui uma vaga no ônibus organizado pela CPT – Comissão Pastoral da Terra, que também participaria do evento. No ônibus, além de integrantes da CPT, estariam moradores e lideranças das comunidades próximas de Araguaína, representantes de movimentos sociais e alguns bolsistas do NEUZA – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Saberes e Práticas Agroecológicas da UFT, Campus Araguaína.

Como o encontro teria início no dia 24 de outubro, ficou combinado que o ônibus sairia de Araguaína em direção à São Miguel no dia anterior, dia 23, depois do almoço. Sendo assim, cheguei à sede da CPT no dia e horário marcados, encontrei os integrantes do NEUZA e ficamos aguardando a saída do ônibus. A previsão de duração da viagem era de aproximadamente 4 horas já que a distância, de condução, entre Araguaína e a cidade de destino era de 258 km. No entanto, não contávamos com as dificuldades que teríamos com o ônibus durante o percurso.

A primeira parada do ônibus foi em Darcinópolis, uma hora depois do início da viagem, segundo o motorista, precisava trocar alguma peça do ônibus e a oficina mais próxima era num posto de combustível na cidade de Angico, a 38 km. Seguimos a viagem e até Angico o ônibus parou mais algumas vezes. Todas as vezes que parava, descíamos todos do ônibus. Em uma dessas paradas conheci dona Maria da Ilha, representante do MAB e ex-moradora da Ilha Verde, que quando soube que eu era do Rio de Janeiro, contou-me sobre uma de suas viagens ao Rio com aquele ônibus. Em cada parada, ela me contava um pouquinho daquela aventura, rimos bastante.

Enfim, chegamos à Angico. Já estava anoitecendo, paramos no posto de gasolina onde se localizava a oficina mecânica. Após alguns minutos o motorista nos informou que teríamos que aguardar a chegada de um novo ônibus, pois aquele não estava em condições de seguir viagem. Como em todas as paradas e, já que aquela prometia ser a mais longa, saímos do ônibus para aguardar a chegada da nova condução. Fiquei próxima à Maria da Ilha para ouvir o fim de sua jornada até o Rio de Janeiro e para saber um pouco mais como era a sua vida na comunidade Ilha Verde. Entre uma conversa e outra, ela contou que a comunidade era um *verdadeiro paraíso*, que ela era *feliz e não sabia*, muito diferente do novo reassentamento que não era em um local muito apropriado, não tinha o solo muito bom para plantar e era muito difícil o acesso a água. Perguntei para a Maria da Ilha o que ela já havia conseguido plantar no reassentamento Mirindiba, local para onde foram deslocados, e foi na sua resposta que encontrei uma nova direção para a pesquisa.

Maria da Ilha disse que já tinha conseguido plantar algumas hortaliças e verduras, mas que também havia em seu quintal muitas plantas medicinais, porque os moradores da comunidade sempre a procuravam para fazer algum remédio e a chamavam de *bruxa velha*. Maria finalizou sua resposta dizendo que era raizeira, parteira e benzedeira. Confesso que fiquei por alguns minutos focada nas palavras *bruxa velha*, porque dias antes tinha acabado de ler o livro *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* da autora Silvia Federici, e me encontrei numa espécie de encantamento por estar frente a frente com uma mulher cheia de saberes. Queria saber mais sobre suas experiências e enquanto formulava a próxima pergunta, o novo ônibus chegou ao local em que estávamos e interrompeu nossa conversa.

Entramos todos na nova condução e no trajeto que ainda restava da viagem, como não consegui um assento próximo a Maria, peguei meu caderno de campo e comecei a anotar as novas ideias e perguntas que faria para ela. Queria saber um pouco mais sobre seus conhecimentos e experiências, como por exemplo, com quem ela aprendeu? Como tinha sido seu primeiro benzimento? Qual teria sido o parto mais difícil? Como esses saberes ainda são preservados e mantidos pelas mulheres da comunidade? Será que ela ensinava para alguém? Quais plantas eram mais utilizadas? Como era esse processo de ensino/aprendizagem na comunidade e como ele resistia até hoje mesmo com mais acesso a hospitais e medicamentos? Eram tantas perguntas e pensamentos que quando percebi, já eram quase dez da noite e havíamos chegado à São Miguel, mais precisamente, na Comunidade Sete Barracas, território marcado por muitas lutas e r-existências das quebradeiras de coco babaçu, local onde seria realizado o 5º Encontro Tocantinense de Agroecologia.

Durante o encontro foi difícil conseguir conversar com Maria da Ilha. Como representante do MAB e liderança da comunidade, ela estava sempre muito ocupada. Minha esperança era conseguir alguns minutos na viagem de volta para Araguaína, mas para sorte de Maria, ela conseguiu uma carona com amigos na volta, que a deixaria direto em sua casa, no Reassentamento Mirindiba. Diante das dificuldades de um novo diálogo com Maria da Ilha, guardei todas as ideias para conversar com meu orientador e verificar a possibilidade da nova proposta de pesquisa. Depois de algumas conversas e ajustes, definimos os novos caminhos que apresento a seguir.

Apresentando a Pesquisa

Decidimos que a pesquisa seria realizada com as mulheres benzedeadas da área urbana de Araguaína. E como principal objetivo, compreender a partir da história de vida dessas mulheres, como as práticas e saberes sobre benzimentos se mantêm até os dias atuais. Justifico a escolha da pesquisa somente com as benzedeadas, apesar de homens também exercerem esse ofício, primeiro porque por muito tempo na nossa história as mulheres foram silenciadas e segundo, elas são em maior número nesta categoria de agentes de cura.

Portanto, a proposta tem como objetivos específicos entender como são realizadas as práticas de benzimentos, registrando as histórias/memórias das mulheres benzedeadas da área urbana de Araguaína; identificar as plantas medicinais cultivadas nos quintais das benzedeadas, destacando as diferenças entre as plantas utilizadas nos rituais de benzimentos e as utilizadas como medicamentos; investigar as possíveis relações entre os saberes e práticas do benzimento com as discussões sobre o comum.

Após uma consulta nas principais plataformas digitais, sobre pesquisas no Brasil com mulheres benzedeadas, foi possível observar que a região norte do país apresentou o menor número de trabalhos sobre o tema. Ao identificar este pequeno número de pesquisas sobre benzedeadas na região norte do país, destacamos a importância de ampliar as pesquisas e os conhecimentos sobre esse tema, evidenciando as singularidades das práticas do benzimento encontradas na região. No estado do Tocantins, local onde a pesquisa foi realizada, encontramos apenas um artigo e um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema.

O artigo encontrado foi “Memórias e Saberes das Benzedeadas velhas de Palmas e Porto Nacional/TO” dos autores Soely Kunz Cericatto, Jocyléia Santana dos Santos, Neila Barbosa Osório e Luiz Sinésio Silva Neto, a pesquisa narra as histórias de três benzedeadas com o objetivo de preservar a memória dessas mulheres e de investigar a possibilidade do reconhecimento dos saberes das benzedeadas como ofício tradicional de saúde popular e assim, ser possível garantir o direito de exercerem suas práticas como agentes de saúde. A outra pesquisa que encontramos foi um TCC do curso de Educação no Campo da UFT - Tocantinópolis, com o título “Vozes Benditas: História de vida de benzedeadas e benzedeados no povoado Vale Verde” (Maurilândia/TO), da autora Maria Gerlane Alves de Sousa, que trata de conhecer e registrar as histórias de vida de benzedeados na região, pois segundo a autora essa prática está findando na comunidade.

Diante do exposto, acredito que a pesquisa poderá contribuir para a permanência da memória de mulheres benzedeiros evidenciando as práticas e saberes da região norte, assim como, trazer reflexões acerca dos conhecimentos tradicionais, a cultura e os territórios de re-existência do benzimento.

Metodologia

Diante da importância e problemática encontrada, optamos por uma pesquisa com abordagem qualitativa e exploratória, utilizando método participante com pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Ao escolher o método participante, consideramos a reflexão do autor Carlos Rodrigues Brandão (1999) sobre a necessidade de um envolvimento com o que é investigado para uma melhor compreensão das questões que envolvem a pesquisa. Nas palavras do autor “[...] só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento – em alguns casos, um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga” (1999, p.8).

As entrevistas foram realizadas utilizando a técnica da história oral. A escolha desta se justifica pela necessidade de registrar os testemunhos vividos pelas mulheres benzedeiros, visando recuperar memórias, resgatar experiências e suas histórias. Segundo Thompsom (2002, p.337), “A história oral devolve a história das pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. Foi a partir do diálogo, análise dos relatos destas mulheres e das reflexões e discussões com autores que busquei alcançar os objetivos desta pesquisa.

O primeiro passo dado foi a fundamentação teórico-conceitual através de um levantamento bibliográfico. Após esta etapa, realizamos um planejamento de um roteiro para a realização das entrevistas. Em seguida, iniciamos o campo realizando as entrevistas com as mulheres benzedeiros. A amostra das participantes da pesquisa foi obtida a partir da técnica “Bola de neve”, uma forma que permite a localização dos sujeitos a partir da indicação de outras pessoas. É uma técnica que pode ser utilizada, principalmente, quando a pesquisa envolve sujeitos difíceis de serem acessados e/ou quando não sabemos ao certo a sua quantidade.

Utilizando esta técnica, recebemos a indicação de quatro benzedeadas na área urbana de Araguaína. A partir de então, comecei a localizá-las. A primeira entrevistada foi dona Raimunda, em fevereiro de 2020. Mas a pandemia da Covid-19 que teve início em março do mesmo ano, além de todas as dificuldades psicológicas, emocionais e de saúde em se fazer uma pesquisa neste contexto, dificultou também a etapa de ida a campo e a realização das entrevistas. As benzedeadas, maioria já senhoras com idade avançada, configuravam o primeiro grupo considerado de risco pelos órgãos de controle e regulação na pandemia.

Inicialmente, foi recomendado pelos órgãos de vigilância sanitária, o distanciamento social por 15 dias como estratégia de controle da pandemia, então, decidimos aguardar esse período passar, antes de entrarmos em contato com as outras interlocutoras. Os 15 dias se passaram e o distanciamento seguiu por meses e os casos da doença aumentavam absurdamente no país. No final de agosto de 2020, recebi a triste notícia do falecimento de dona Raimunda, aos 92 anos. Aqui a emoção dificulta um pouco a escrita porque, apesar de ter tido apenas dois encontros com dona Raimunda, os laços de afeto foram criados desde o primeiro instante e para sempre. O falecimento de dona Raimunda, aquela mulher dotada de tantos saberes, generosidade e a primeira interlocutora desta pesquisa, além de trazer uma profunda tristeza, trouxe também muitas reflexões.

Como seguir com a pesquisa diante desta perda e do contexto que vivenciamos foi uma questão que foi amadurecendo nos meses seguintes. Algumas respostas pude encontrar no texto da Gisela Macambira Villacorta (2015), “Retomando uma questão epistemológica e não moral: os imponderáveis da vida real” o qual faz uma reflexão sobre a situação surgida com o falecimento de uma das mais importantes informantes de sua pesquisa. A autora reflete principalmente sobre as relações entre o “pesquisador e o pesquisado” e as exigências das pesquisas de manterem um certo distanciamento entre estes dois atores. Gisela assume que este seria o seu grande “drama”, em suas palavras “Seria errado tornar-se amigo de um informante? (...) Ou seria, como bem informou Geertz (1988), uma questão epistemológica e não moral?” (p. 25). Existe uma complexidade muito grande em manter este distanciamento, quando você é o tempo todo atravessado e afetado pela pesquisa.

O caminho que encontrei a partir das conversas com os orientadores e da leitura do texto da autora citada acima, foi o de dar continuidade a pesquisa mantendo o que foi possível registrar de dona Raimunda. Uma forma de manter vivos a sua memória e os seus saberes. Deixar grafada parte de sua história, como ela diversas vezes indagou “Você vai

escrever a minha história, né?”. Longe de achar que seria capaz de escrever conforme ela gostaria e merecia, mas esta, foi uma das motivações para dar continuidade a pesquisa e garantir todo esforço de escrita neste período tão desafiador que enfrentamos com a pandemia e o desgoverno em nosso país.

Passados mais alguns meses, buscamos alternativas para conseguir entrevistar as próximas interlocutoras. A ideia de utilizar as ferramentas tecnológicas foram pensadas, mas encontramos algumas dificuldades também para realizar as entrevistas de forma online. O principal motivo foi a idade das interlocutoras e a entrevista ser um processo cansativo para elas, exigiria também o auxílio de outras pessoas da casa para conseguir realizar as entrevistas virtualmente e a disponibilidade de horários foi um grande obstáculo.

No final do mês de outubro de 2020, conseguimos marcar uma entrevista presencial com a segunda interlocutora, dona Valdeci. O encontro aconteceu seguindo todos os protocolos exigidos pelos órgãos de vigilância sanitária, respeitando o limite de distanciamento, utilizando máscaras e álcool em gel para a higienização das mãos e do instrumento de coleta de dados, o gravador. No primeiro semestre de 2021, após o início da vacinação da população, principalmente das participantes desta pesquisa, as entrevistas foram intensificadas com dona Valdeci, seguindo os mesmos protocolos. Caminhar pelo quintal com dona Valdeci e experienciar sua relação e conhecimento sobre aquele território de cura, foi um dos momentos mais marcantes desta pesquisa.

Neste mesmo período, encontramos a terceira benzedeira, dona Maria. Ela tinha sido indicada por um vizinho da professora Sariza, seu Gaspar, que também era benzedor. A primeira visita aconteceu seguindo os mesmos procedimentos recomendados pelas agências reguladoras no período de pandemia. Após iniciar a conversa explicando o motivo da nossa visita, dona Maria nos informou que não poderia nos contar nada sobre a sua missão e nos recomendou procurar um outro grupo que fazia muita caridade, chamado “Allan Kardec”, e que lá poderíamos encontrar alguém que pudesse contribuir com a pesquisa. Tentamos argumentar um pouco mais, explicar melhor o objetivo da pesquisa, mas, todo esforço não foi suficiente para fazer dona Maria mudar de ideia. A recusa é uma experiência comum em campo, mas nunca estamos preparados para recebê-la.

A quarta benzedeira, dona Zefinha, foi indicada pela dona Helena, uma senhora que conheci em uma viagem para Esperantina, cidade do norte do Tocantins, em fevereiro de 2020. Durante a viagem, dona Helena relatou que dona Zefinha havia cuidado se seu esposo

quando ele era criança e, a única informação que tinha, era que ela morava no setor JK em Araguaína. Entretanto, como estávamos em condições de distanciamento social, o primeiro contato com as benzedeadas estava sendo feito pelo telefone ou por alguém mais próximo para que elas pudessem autorizar nossa visita, dessa forma, não foi possível esse primeiro contato com dona Zefinha devido as poucas informações que tínhamos sobre ela

Diante as dificuldades encontradas em campo e os prazos estreitando para a conclusão da pesquisa, optamos por dar seguimento com as duas benzedeadas que conseguimos entrevistar, dona Raimunda e dona Valdeci. As entrevistas realizadas foram semiestruturadas buscando uma narrativa mais livre, de forma que as interlocutoras pudessem narrar fatos que também considerassem importantes mesmo que não tenham sido perguntadas. Segundo Portelli (1997), “Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca” (p.9). Conforme o autor, é de grande importância que o pesquisador construa uma relação de confiança com o entrevistado para que as entrevistas sejam bem-sucedidas, evitando uma comunicação distorcida entre eles.

Nas entrevistas foram utilizados como instrumentos de registro de campo o gravador, a câmera fotográfica, o caderno de campo e diário de campo. Durante as visitas para realizar as entrevistas, também fotografei a diversidade de plantas encontradas nos quintais das benzedeadas, os altares e os espaços onde são realizados os benzimentos.

Após a coleta dos dados em campo, iniciamos o processo de transcrições das entrevistas, um processo longo, porém satisfatório ao lembrar alguns momentos dos encontros que tivemos e permitir uma apropriação do material. Para análise dos dados, foi elaborado um quadro analítico entre as informações concedidas pelas benzedeadas, onde foi possível perceber as singularidades e o que havia de comum entre elas. Foi analisado também, todo o processo de construção desse saber na vida dessas duas mulheres e de que formas são preservados e mantidos. Por fim, buscamos encontrar relações existentes na cultura do benzimento com as discussões atuais sobre os “comuns”.

Estrutura do Trabalho

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, trouxe algumas discussões já existentes sobre benzimentos, ressaltando a importância de contar a história sob o olhar das mulheres, que por muito tempo foram silenciadas e não tiveram o seu saber valorizado. Além disto, apresentei um breve histórico sobre as trajetórias iniciais das duas benzedeadas e a formação territorial e religiosa em Araguaína. Assim como no título desta pesquisa, a palavra “r-existência” será utilizada muitas vezes no decorrer desta dissertação. A escolha por utilizá-la se justifica por considerar toda a potência do sentido que ela carrega. De acordo com geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves (2008, p.47), “(...) mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage, simplesmente a ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo.”

Já no segundo capítulo, busquei apresentar as benzedeadas Raimunda e Valdeci respectivamente, descrevendo suas primeiras experiências de cura, descoberta do dom, período de aprendizagem e legitimação de suas práticas. Destaquei as semelhanças e diferenças entre as práticas de cada uma, objetivando analisar e perceber algumas singularidades das benzedeadas da região.

Outros dois aspectos abordados e analisados neste capítulo é a gratuidade do benzimento e a economia baseada na reciprocidade. Nesse ponto tentei compreender a prática do benzimento relacionando-a nas discussões sobre os “comuns”. Segundo Dardot e Laval (2017), no início se entendia como “comuns” um conjunto de regras que permitia o uso coletivo dos recursos pelos camponeses da mesma comunidade. Atualmente, o termo “comum” se tornou mais abrangente podendo ser entendido também como a “designação de um regime de práticas, lutas, instituições e pesquisas que abrem as portas para um futuro não capitalista” (p.18), ou seja, o termo carrega uma crítica se contrapondo ao capitalismo e propõe reflexões sobre alternativas contra este sistema.

Logo, pensar as práticas do benzimento através dos “comuns” como um dos objetivos desta pesquisa também é uma tentativa de mostrar alternativas e a r-existência das mulheres benzedeadas ao sistema capitalista. Levando em consideração os dois sentidos apresentados do termo, a pesquisa também buscou entender a economia baseada na

reciprocidade, a não mercantilização do saber e a preservação das espécies de plantas medicinais para uso coletivo como práticas não capitalistas.

No terceiro capítulo, foi feita uma discussão acerca de perceber os quintais como território do benzimento, uma vez que, são nesses espaços que encontramos as representações dessa prática. E abordamos as relações do uso coletivo das plantas medicinais nestes territórios com as ideias dos “comuns”.

CAPÍTULO I

1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O BENZIMENTO E A FORMAÇÃO TERRITORIAL E RELIGIOSA EM ARAGUAÍNA

1.1 “Um conjunto de palavras sagradas e que protege tanto quem tá benzendo como quem tá recebendo aquele benzimento”: o que já sabemos sobre as práticas de benzimento.

O *quebranto*, *mal olhado*, *cobreiro*, *espinhela caída*, *vento virado*, *erisipela*, *dor de cabeça*, *engasgo*, *arca caída*, entre outras, são algumas das mazelas tratadas por benzedadeiras. Segundo Elda Rizzo de Oliveira (1983), uma das autoras pioneiras nos estudos sobre benzimentos no Brasil, na “cultura da benzedura” algumas doenças físicas têm suas origens a partir dos males espirituais. Se o espírito sofre de alguma aflição o corpo dá o sinal fisicamente. Desse modo, algumas doenças precisam ser tratadas espiritualmente para que assim sejam curadas.

Em seus estudos, Lidiane Alves da Cunha (2017), corrobora com as afirmações da autora citada acima quando também afirma que existe uma distinção entre doenças tratadas por médicos e doenças tratadas por benzedadeiras. Para a autora, as “doenças de benzedadeiras”, como são conhecidas, “são mais do que conjuntos de sintomas e de sinais físicos. Elas se caracterizam por possuírem uma série de significados simbólicos” (p.195). As doenças curadas por benzedadeiras são aquelas que afetam o espírito, além do corpo físico.

Não se sabe, exatamente, quando a prática de benzimento teve origem, mas já sabemos que no Brasil, indígenas já realizavam rituais de cura antes da colonização e que na Europa, na Idade Média, já existiam práticas semelhantes de cura e que foram perseguidas pela Inquisição. Sobre este violento período da história, sobretudo para as mulheres que sofreram uma perseguição implacável, Silvia Federici (2017), em seu livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, traz como um dos pontos principais de seus estudos, uma análise sobre a relação da “caça às bruxas” com o processo de controle, silenciamento e domesticação das mulheres para a implementação de um novo sistema, o capitalista.

Conforme a autora, “a caça às bruxas serviu para privar as mulheres de suas práticas médicas, forçou-as a se submeterem ao controle patriarcal da família nuclear e destruiu um conceito holístico que, até a Renascença, impunha limites à exploração do corpo feminino” (2019, p. 39). As mulheres foram perdendo sua autonomia, sua liberdade e muitos dos seus saberes foram relacionados à bruxaria e perseguidos.

No Brasil colonial, Mary Del Priore (2004) em seu texto “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”, afirma que muitas mulheres também foram perseguidas por exercerem práticas de benzimentos e curas. As acusações de curandeirismo atingiam essas mulheres por possuírem um saber que a medicina e a igreja não conseguiam ter o controle. Por muito tempo essas mulheres praticavam curas com suas rezas, cultivavam ervas medicinais para a fabricação de remédios e realizavam partos nos locais onde a medicina não conseguia acessar.

Os poucos médicos que viviam na colônia se mostravam despreparados para lidar e combater as doenças do local. Neste período, as dificuldades para a cura dos males que acometiam as mulheres eram maiores ainda, uma vez que o funcionamento do corpo feminino era pouco conhecido pela medicina. Com isso, grande parte da população preferia procurar “curandeiros” para o tratamento de seus males, pois estes, demonstravam mais domínio do “saber-curar” e assim, obtinham melhores resultados com os enfermos (PRIORE, 2004).

As mulheres recorriam ao conhecimento e ajuda de outras mulheres, curandeiras, benzedoras e parteiras, que por meio de seus rituais de reza e domínio das ervas para a fabricação de remédios, resgatavam a saúde dos que estavam necessitando. Entretanto, o Tribunal do Santo Ofício passou a perseguir mulheres que realizavam curas, principalmente, por estarem utilizando as orações e palavras consideradas santas, que eram de domínio do catolicismo, alegando que, junto as orações sagradas, outras palavras eram agregadas e utilizadas por inspiração diabólica.

Apesar de o número de mortos e perseguidos pela Inquisição portuguesa terem sido menor em comparação com as outras, o terror e o medo que assombravam à época foi a principal ferramenta de controle da população que vivia na colônia, não só as mulheres como também os judeus (cristãos-novos) e os povos escravizados: indígenas e africanos. A perseguição foi uma estratégia de garantir o sucesso do processo colonizador. Neste período houve um grande apagamento de saberes e culturas destes povos.

A historiadora Laura de Mello e Souza (1986), constatou em suas pesquisas sobre este período, que o Brasil não teve tribunais próprios, porém o Santo Ofício articulou formas de se fazer presente mesmo de longe. As igrejas eram fontes de disseminação das informações sobre quais comportamentos, ações e atitudes poderiam ser levadas a julgamento, além de ser o principal local para receber as denúncias sobre eventuais suspeitos. Qualquer pessoa poderia fazer a denúncia, inclusive crianças, o relato era validado mesmo se o denunciante não estivesse presenciado o fato, só de ter ouvido falar, bastava. A falta de regras para apuração das denúncias acabava facilitando muitas acusações só por desentendimentos entre vizinhos.

Além disto, algumas visitas foram feitas à Colônia por membros do Tribunal, nestas visitas eram realizados os julgamentos dos suspeitos de praticarem atividades heréticas. Diferente da Europa, em que a perseguição se concentrou nas mulheres, na Colônia a perseguição era maior contra os judeus, considerados cristãos-novos, que se manifestavam contra a doutrinação católica. As visitas causavam tanto temor que muitas pessoas faziam denúncias até de pessoas já falecidas para escaparem de possíveis acusações. Nos casos de suspeitos denunciados fora do período das visitas, os acusados eram encaminhados até Portugal para o julgamento (SOUZA, 1986).

No quadro elaborado por Laura de Mello e Souza em seu livro consta todos os tipos de acusações que foram remetidas ao tribunal na época, mas destacamos aqui somente as consideradas como, segundo a autora, de sobrevivência material, que apresenta as categorias de cura e benzeduras que são de nosso interesse (Quadro 1). Como podemos observar foram registradas 27 acusações envolvendo as duas categorias, e em sua maioria, os acusados eram pessoas negras. Isto se dá, pelo fato de que, na colônia, os maiores curandeiros e conhecedores de ervas medicinais eram os africanos e indígenas.

Quadro 1 – Quantidade de acusados na colônia de acordo com as culpas atribuídas.

Tipos de Culpa		Nº de culpas (acusações)	Período de > Incidência	Local de > Incidência	Cor de > Incidência	Subtotais
Sobrevivência material	Adivinhações	23	1590-1625	Bahia e Pernambuco	branca (14)	64
	Curas	25	1590-1625	Bahia	preta (13)	
	Benzeduras	2	1591-1733	Bahia e Minas	branca (2)	
	Universo ultramarino	14	1590-1625	Bahia	branca (11)	

Fonte: SOUZA, 2009

A partir do período colonial, os saberes e modo de vida europeus, ou seja, dos colonizadores, foram sendo impostos na colônia, enquanto os saberes indígenas e africanos foram, cada vez mais, sendo apagados e colocados à margem. Assim, os conhecimentos da medicina erudita foram tomando o espaço da medicina popular, esta última praticada, principalmente, por estes grupos considerados subalternos. Importante ressaltar que esta prática se reflete até hoje. Sobre a colonização do saber, Djamilia Ribeiro (2017), explicita que:

Para descolonizarmos o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. (RIBEIRO, 2017, p. 19)

Ainda no período colonial, com o decreto de 1832, o indivíduo que fosse acusado de praticar feitiçaria era castigado com pena de morte e todos os escravizados eram obrigados a se converterem à religião oficial que era o catolicismo. Anos mais tarde, com a Proclamação da República, a obrigatoriedade de conversão a religião oficial foi anulada, porém, o primeiro Código Penal estabelecido pela República condenava o espiritismo e o curandeirismo. A partir de então, qualquer pessoa que realizasse práticas de cura sem a formação científica das academias, poderiam ser perseguidos pela medicina hegemônica e/ou pela polícia. A Lei Penal atual, ainda condena as práticas de curandeirismo conforme Artigo 284 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940 (Agência Senado, 2013).

As práticas de benzimento têm resistido as tentativas de apagamento desse saber, se adaptando as novas configurações sociais e culturais. Atualmente encontramos muitas mulheres que r-existem na manutenção desse saber que, mesmo após séculos do fim da Inquisição, continuam sendo perseguidos e desvalorizados. Muitas delas ainda sofrem preconceito por exercerem estas práticas, sendo acusadas de charlatanismo, bruxaria entre outras coisas. Em muitos lugares ainda sobrevivem aos olhares julgadores, principalmente, onde só o conhecimento médico, científico, tem credibilidade.

Mesmo com o aumento ao acesso a médicos e medicamentos farmacêuticos, ainda é possível encontrar muitas benzedadeiras em diversas regiões do país. Importante destacar que o benzimento não é uma prática restrita a mulheres, encontramos muitos homens que também realizam essa prática, porém, atualmente, na grande maioria, são mulheres que oferecem seus

serviços de rezas e cura em suas próprias residências, a fim de usar o seu “dom” para ajudar a quem precisa.

Muitas pesquisas foram realizadas com mulheres benzedoras, principalmente nas regiões sul e nordeste do Brasil evidenciando a existência e permanência desse ofício até os dias de hoje. Vale destacar que em algumas regiões este ofício é reconhecido. De acordo com a pesquisa realizada por Taisa Lewitzki “A vida das benzedoras: caminhos e movimentos”, as benzedoras da região centro sul do Paraná organizam-se desde 2008 no Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA), lutando por direitos coletivos. A organização conquistou não só o direito ao reconhecimento do ofício de benzedoras, como também o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas através das Leis das benzedoras (Lei n.º 1.401 de 2010 e Lei n.º 1.370 de 2011). Na região nordeste as agentes de cura também tiveram avanços no reconhecimento do seu ofício, no estado do Rio Grande do Norte, município de Cruzeta, foi aprovada no ano de 2009 uma lei municipal de reconhecimento do ofício das benzedoras como patrimônio cultural (LEWITZKI, 2019).

Esses avanços são de grande importância para o resgate e manutenção desses saberes tradicionais de cura, que por muito tempo foram invisibilizado pela medicina hegemônica, ou melhor, o saber científico. Sabe-se que o acesso a ciência, por séculos, foi restrito aos homens brancos, logo, era mais respeitado e valorizado. Já o conhecimento tradicional, acessível e difundido, principalmente, pelos grupos minoritários, eram descredibilizados. Manuela Carneiro Cunha (2007) traz uma importante contribuição sobre os embates entre estas duas formas de conhecimento. A autora nos diz, que:

A ciência moderna hegemônica usa conceitos, a ciência tradicional usa percepções. É a lógica do conceito em contraste com a lógica das qualidades sensíveis. Enquanto a primeira levou a grandes conquistas tecnológicas e científicas, a lógica das percepções, do sensível, também levou, afirma Lévi-Strauss, a descobertas e invenções notáveis e a associações cujo fundamento ainda talvez não entendamos completamente. Lévi-Strauss, portanto, sem nunca negar o sucesso da ciência ocidental, sugere que esse outro tipo de ciência, a tradicional, seja capaz de perceber e como que antecipar descobertas da ciência *tout court*. (CUNHA, 2007, p. 79)

Compreendemos que o conhecimento tradicional por diversas vezes contribuiu muito como base para se chegar a um determinado conhecimento científico, porém sempre foi marginalizado. Logo, é de fundamental importância esta reflexão que a autora traz sobre a necessidade da não hierarquização desses conhecimentos e o entendimento de que estes

devem caminhar juntos, sem nunca esquecer da ponte que liga um ao outro. Mas, levando em consideração que as mulheres são também detentoras dos saberes tradicionais e as principais multiplicadoras desse saber que vai passando por gerações, é possível perceber como o sistema patriarcal logo tratou de desvalorizá-lo. Sendo o conhecimento também uma forma de poder, as mulheres não poderiam ter acesso.

Segundo Linda Alcoof (2016) precisamos refletir sobre a ideia de acreditar em uma “epistemologia mestre” e que todo conhecimento deve ser um “conhecimento universal”, pois este não será capaz de explicar os diversos tipos de conhecimento originado de diversas localizações culturais e sociais. (p. 131.)

Assim como ocorre desde o período colonial, onde a imposição do pensamento europeu foi proporcionando um apagamento histórico-cultural desconsiderando a realidade de outras culturas e sociedades. Agora, é preciso fazer o movimento contrário, descolonizar o pensamento para compreender de fato a realidade de cada lugar. Levando em conta a observação da autora, nesta pesquisa, buscamos nos atentar as especificidades da cultura do benzimento na região norte, entendendo suas singularidades sem considerar a necessidade de uma “epistemologia mestre”.

1.2 Trajetórias das interlocutoras e a formação de Araguaína.

Dona Raimunda, a primeira benzedeira que tive a oportunidade de entrevistar e conhecer, nasceu em 22 de junho de 1928, em uma fazenda chamada “Por enquanto” no município de Grajaú, estado do Maranhão. Ela conta que seu pai, José Patrocínio Lima, foi vaqueiro nesta fazenda por alguns anos. Quando estava próximo de completar 9 anos, a pequena Raimunda foi morar em uma outra fazenda, também em Grajaú, propriedade da própria família. Neste local ela viveu toda sua juventude, onde aprendeu a fiar e a tecer com sua mãe, Francisca. Enquanto o pai cuidava do gado, ela ajudava a mãe nas tarefas da casa e gostava de tecer lençóis e redes de dormir.

Na década de 50, já casada, dona Raimunda seguiu com seu esposo Raimundo e filhos os rumos do seu pai que estava levando uma vida melhor em Alvorada, município, do até então, norte de Goiás. Após seu esposo decidir vender as terras e todo gado da família no Maranhão, a família partiu para a nova cidade em busca de melhoria de vida. Em Alvorada,

ficaram morando na fazenda do pai de dona Raimunda por um tempo. Depois de alguns anos, seu esposo decidiu por uma nova mudança com a família. E assim, seguiram para Araguaína, uma cidade também ao norte de Goiás que estava começando a se desenvolver (ver figura 1 – R 2). Chegando na cidade conseguiu comprar uma casa para a família e começou a trabalhar em empreitadas, levando peões para trabalharem nas fazendas. Passava meses longe de casa enquanto dona Raimunda cuidava das crianças.

Quando dona Raimunda e sua família chegam à Araguaína, assim como a cidade, o país também passava por grandes transformações, havia uma grande campanha, por parte do Estado, para a integração do território nacional. Desde o governo de Getúlio Vargas, com projetos que incentivavam a ocupação do Centro-Oeste brasileiro, seguindo pelo projeto desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek, com o lema “Cinquenta anos em cinco”. A criação de uma nova capital, que levou a construções de novas rodovias com o objetivo de ligar o Norte ao Sul do país, foram responsáveis pelas transformações sociais e econômicas que ocorreram nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, principalmente em Goiás. É neste contexto que Araguaína, ainda território do Goiás, também começa a se destacar, sobretudo, com a construção da BR 153, também conhecida como Transbrasiliana, atual Belém-Brasília. (VENÂNCIO, 2019)

Com a intenção de conhecer melhor o território onde a pesquisa foi realizada, e compreender o contexto e os motivos que fizeram com que as duas interlocutoras se instalassem nesta cidade, onde a maior parte da população é formada por migrantes, se fez necessário entender, o processo de formação de Araguaína. Sendo assim, de forma muito breve, regressamos algumas décadas com este objetivo.

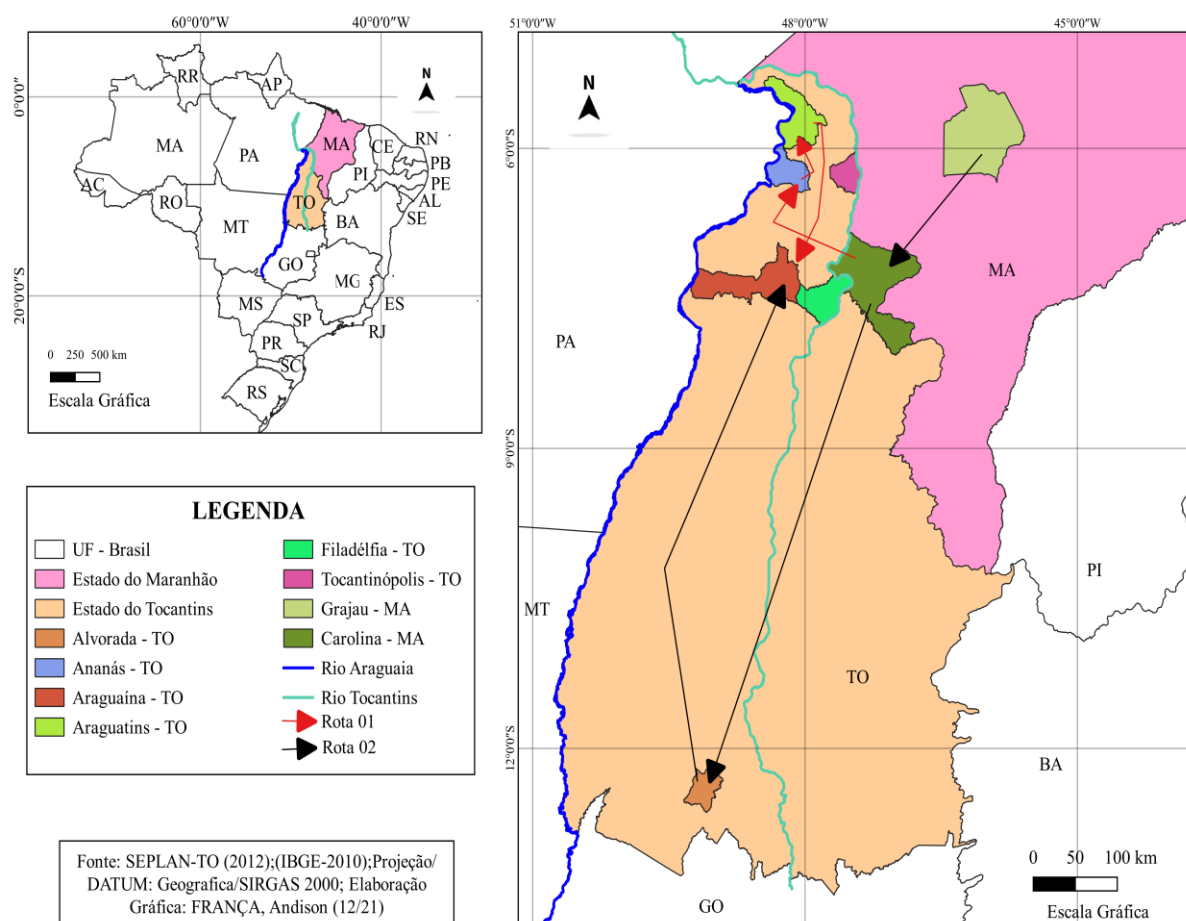
Alguns historiadores afirmam que inicialmente a região que conhecemos hoje como Araguaína, teve seu primeiro povoado formado por volta de 1904. O povoado, chamado de “Livra-nos Deus”, teve como primeiros moradores João Batista da Silva, sua esposa Rosalina e seus dez filhos, vindos do Piauí (SILVEIRA, 2009; VENÂNCIO, 2019).

Em 1906, outros migrantes que foram chegando à região, ocuparam outro local próximo a um riacho, neste local se formou mais um povoado que levou o mesmo nome do riacho, Neblina. Na época o café foi o principal cultivo desses moradores, mas devido as dificuldades para o escoamento do produto para outros povoados, visto que a principal via de transporte era o rio, essa atividade foi enfraquecendo. (SILVEIRA, 2009; VENÂNCIO, 2019)

Já na década de 1920 outras famílias haviam chegado, e o povoado que era conhecido como Neblina, devido ao aumento da população começou a ser chamado de Lontra, agora, em homenagem ao rio próximo e não mais ao riacho. O rio Lontra era o principal afluente do rio Araguaia na região. Os novos moradores tinham atividades diversas, entre eles havia caçadores, agricultores e quebradeiras de coco, todos vindos de outras regiões, principalmente, dos estados do Piauí e Maranhão. Além de produzirem para subsistência, eles comercializavam seus produtos em outras cidades próximas ao rio Tocantins. Este rio era a principal via de acesso e comércio do norte Goiano, facilitando a interação com a região Norte e Nordeste do país (SILVEIRA, 2009; VENÂNCIO, 2019).

Mais tarde, nas décadas de 1930 e 1940, a busca pelo ouro e pedras preciosas na região do Araguaia, fez com que o povoado se tornasse um ponto comercial de grande importância para os catadores e traficantes de pedras. A corrida pelo ouro atraiu muitos migrantes para a região. Desde a sua formação até este período, o povoado do Lontra pertenceu, inicialmente, ao município de São Vicente do Araguaia, atual Araguatins; depois, ao município de Boa Vista, atual Tocantinópolis; em 1949 passou a pertencer ao município de Filadélfia e começou a se chamar Araguaína pela proximidade com o rio Araguaia.

FIGURA 1- Trajetórias das benzedeadas



Somente em 14 de novembro de 1958, Araguaína é elevada à categoria de município (SILVEIRA, 2009). Neste mesmo ano, a segunda interlocutora desta pesquisa, dona Valdeci, deixa o Maranhão com sua família para tentar uma vida melhor nas terras que hoje conhecemos como Tocantins.

Foi na fazenda “São Bernardo”, propriedade do seu avô, localizada no município de Carolina, estado do Maranhão, que a menina Valdeci nasceu, em 29 julho de 1951. Quando ainda criança, em 1958, com 7 anos, mudou-se com seus pais para São Raimundo do Tocantins, distrito de Ananás, norte do estado de Goiás (hoje Tocantins). Morou neste distrito por três anos. Aos 11 anos, passou por mais uma mudança com sua família, deixou o distrito de São Raimundo e foi para a cidade de Ananás onde viveu até sua juventude, já na década de 60 (ALMEIDA, 2020; VENÂNCIO, 2019).

Neste período, a agropecuária se intensificava na região norte de Goiás, incentivada pelo Estado a partir das políticas criadas para integração do território e para o desenvolvimento da região amazônica, a nova fronteira agrícola. Com um fluxo maior de

pessoas na região, a cidade de Araguaína se tornou um dos principais pontos de descanso e abastecimento para quem passava pelo local (VENÂNCIO, 2019).

Foi na década de 1970 que dona Valdeci chega em Araguaína, após se casar com o policial militar Osmar Souza Reis. Primeiro, saiu de Ananás para acompanhar seu marido que tinha sido transferido para Araguatins, cidade localizada também ao norte de Goiás, foi nesta cidade que dona Valdeci teve sua primeira experiência com o benzimento e lá permaneceu até 1977 quando, finalmente, foi morar em Araguaína (ver figura 1 – R1) (ALMEIDA, 2020; VENÂNCIO, 2019). Dona Valdeci relata que a vinda dela para Araguaína foi exigência dos seus guias. Eles recomendaram a mudança de cidade após completar sete anos residindo em Araguatins, pois era vontade dos guias que dona Valdeci fixasse o seu próprio terreiro em Araguaína. E assim foi feito.

Nas décadas de 1970 e 1980, a cidade já se destacava economicamente. Primeiro, com a instalação da fábrica Dirce S.A na década de 1950, que produzia óleo e cosméticos a partir da amêndoa do babaçu. Após a sua venda na década de 1960 para os irmãos Boa Sorte, principais comerciantes da região, o nome da fábrica foi alterado para CIMBA – Companhia Industrial e Mercantil da Bacia Amazônica e teve a produção ampliada com outros produtos, principalmente, o sabão de coco babaçu.

Mais tarde, na década de 1970, tendo em vista o aumento das atividades da agropecuária, o primeiro frigorífico foi construído na região, chamado Frimar, que também pertencia aos irmãos Boa Sorte (SILVEIRA, 2009; VENÂNCIO, 2019). Além do fator econômico, a finalização da construção da BR 153 facilitando o acesso à região e a forte propaganda por parte do governo sobre o desenvolvimento no Norte do país, Araguaína recebeu mais um fluxo migratório neste período, tendo sua população formada, principalmente, por migrantes do Maranhão, Piauí, Minas Gerais, Ceará e Bahia (ANTERO, 2016)

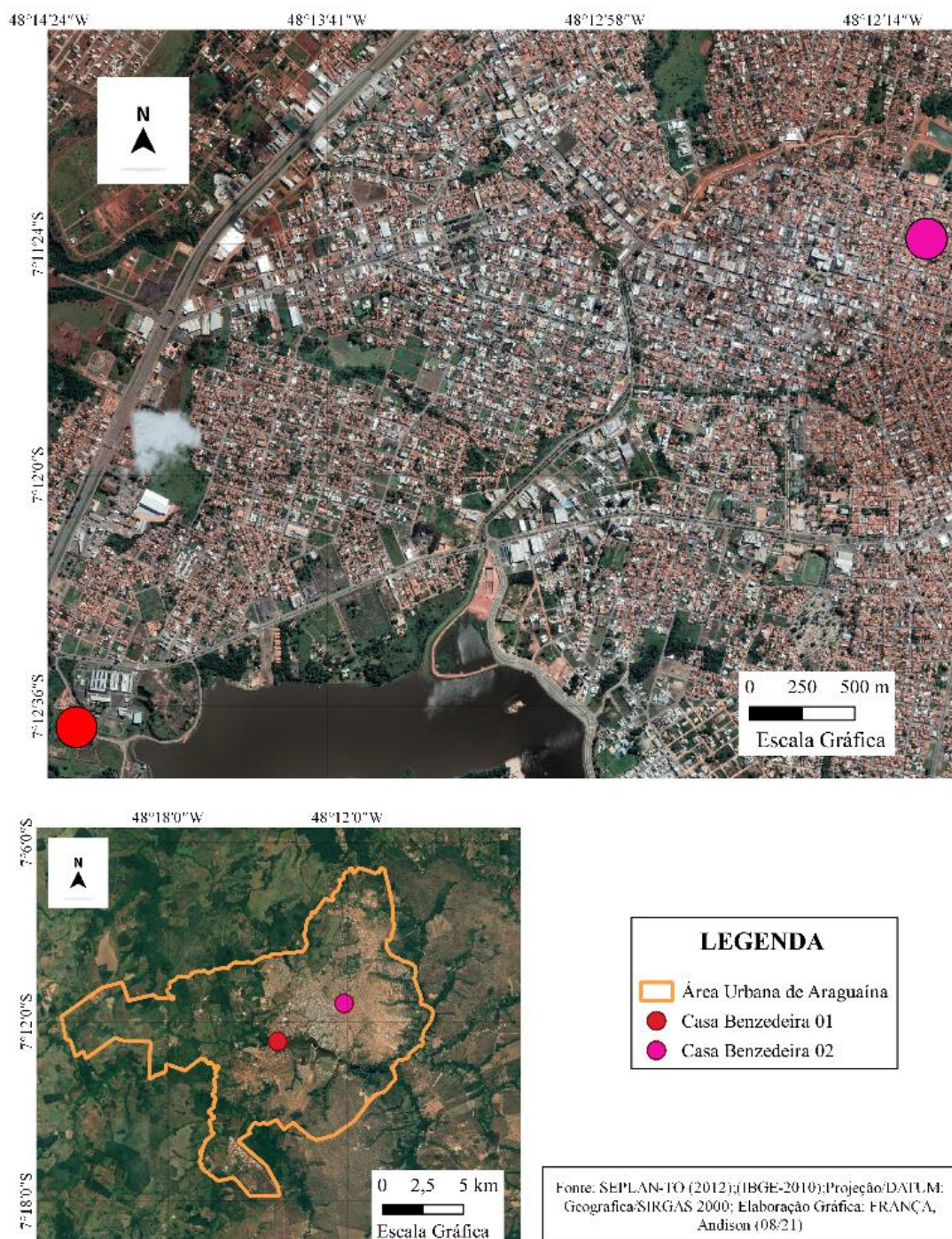
No final da década de 1980 a luta pelo desmembramento do norte goiano para a criação de um novo estado ganha força com a campanha separatista liderada pelo então, Deputado Federal, Siqueira Campos. E em 5 de outubro de 1988 o estado do Tocantins é emancipado pela Assembleia Nacional Constituinte, mas só passou a existir oficialmente em 1º de janeiro de 1989. Araguaína tinha grande potencial para ser a capital da nova unidade federativa, se não fosse sua proximidade com a cidade de Imperatriz (MA) que também estava em crescimento, e com a área de mineração e garimpo do Pará, área de muitos conflitos. Por

conta dessas proximidades, acordos políticos entre o Presidente da República na época, José Sarney e o Deputado Siqueira Campos definiram que outro local seria mais apropriado para a instalação da nova capital. Sendo assim, Palmas foi criada em 20 de maio de 1989, para se tornar a capital do novo estado, localizada a 368 quilômetros de Araguaína (TEIXEIRA, 2009).

Hoje, Araguaína é conhecida como a capital econômica do Tocantins, possui uma área territorial de 4.004,646 km² com uma população estimada de 186.245 pessoas, conforme dados do IBGE (2021). O município faz fronteira com Aragominas, Carmolândia, Muricilândia, Piraquê e Santa Fé do Araguaia, ao norte; Nova Olinda e Pau D'Arco, a leste; Babaçulândia, Filadélfia e Wanderlândia, ao sul; e com o estado do Pará, a oeste.

É nesta cidade, conhecida como a capital econômica, localizada em um estado criado a partir da elite e a favor dos interesses do capital que se realizou esta pesquisa sobre mulheres benzedeadas e a re-existências de suas práticas e seus saberes. Entender, qual o território que essas mulheres ocupam, onde elas estão inseridas é um ponto de grande importância. Nesta pesquisa constatamos a existência delas exercendo esse ofício no meio urbano. No mapa a seguir, destacamos a localização das duas benzedeadas, dona Raimunda e dona Valdeci, na área urbana de Araguaína (figura 2).

FIGURA 2– Localização das duas benzedeadas na área urbana de Araguaína.



A presença destas mulheres no meio urbano, compartilhando suas práticas e seus saberes de cura nos leva a pensar nas suas trajetórias de r-existência. R-existência em manter viva suas práticas dentro do sistema capitalista e patriarcal. R-existência contra uma medicina hegemônica que, apoiada ao saber científico, desvaloriza e condena o seu saber tradicional. R-existência contra a intolerância religiosa praticada, em maior escala, nas áreas urbanas e, principalmente, contra religiões de matriz africana.

1.3 Religião e Cultura

O cenário religioso e cultural da região norte do Tocantins é marcado inicialmente pelo catolicismo popular. Os festejos em homenagens a santos católicos, uma das maiores expressões da religiosidade de quem vive no interior do país, estabelece momentos de devoção, alegria e partilha entre os moradores da região. Segundo Silva (2013), em Araguaína ainda se preserva a tradição da Festa do Divino Espírito Santo e de acordo com o autor há registros da festa desde 1904. O Divino “acaba com as doenças, a fome e a guerra” e “traz a paz para a Terra” (p. 136 e 137). As manifestações religiosas eram divididas em dois momentos, o sagrado, que era o momento de devoção e rezas; e o que era considerado profano pelo catolicismo tradicional, com danças e bebidas. Além da Festa do Divino, havia outros festejos como, por exemplo, a Folia de Reis.

Foi por volta do início da década de 1950 que chegaram na região os missionários Orionitas, grupo religioso de católicos italianos que teriam como objetivo instalar o catolicismo tradicional na região. Quando estes chegaram em terras Tocantinenses, encontraram representantes de outras religiões que já haviam se instalado no território um pouco antes, eram os protestantes batistas e assembleianos e outros grupos com práticas de religiosidade não hegemônica. (SILVA, 2018).

Não se sabe ao certo o ano exato da chegada dos protestantes à região, mas de acordo com Sariza de Oliveira Caetano Venâncio (2013), acredita-se que eles tenham chegado um pouco antes dos Orionitas. Durante a sua pesquisa, a autora teve contato com algumas obras escrita por um dos padres missionários, o padre Tonini, e em um de seus trabalhos o padre menciona a presença da igreja Batista em Babaçulândia, cidade próxima a Araguaína, em 1952. Já a Assembleia de Deus, teria se instalado na região através do Ministério Madureira em 1983, a princípio, funcionava como congregação vinculada a igreja de Gurupi. Só dez anos mais tarde, em 1993 que a Assembleia de Deus consegue se desvincular de Gurupi e realizar suas reuniões de forma autônoma em Araguaína.

Conforme Silva (2018), um dos principais grupos com práticas religiosas não hegemônicas da região era o grupo liderado por uma mulher idosa chamada pelos Orionitas de “velha feiticeira” que contava a história de uma cruz caída do céu no meio da mata e que precisava levar todo o povo para esse local. Pesquisando um pouco mais na bibliografia sobre a história desta senhora, pois o nome “feiticeira” por ser um substantivo utilizado também

para denominar curandeiras, rezadeiras e benzedoras, me chamou atenção, encontramos alguns trabalhos que contam um pouco mais sobre a história da dona Antônia Barros de Souza, a “velha feiticeira” também descrita como a “Bruxa dos Bosques”. Conceição e Brito (2018) relatam que dona Antônia teve uma visão com o Padre Cícero em que ele a orientava se deslocar com sua família para a região da mata do Lontra e encontrasse um cruzeiro no alto do morro e que, quando encontrasse o local revelado, deveriam se instalar, pois ali, teriam uma vida melhor.

A romaria feita por dona Antônia caracterizou mais um dos movimentos migratórios na região, porém este teve um caráter religioso, o movimento ficou conhecido como “Bandeiras Verdes”. Segundo Carvalho (2014), Bandeiras Verdes seria um local próximo a grandes rios e com muitas terras livres. As histórias com Padre Cícero são bem comuns na região, uma das benzedoras presente nesta pesquisa, dona Raimunda, também relata uma visita do padre à sua casa e que iremos descrever mais para frente.

Outro ponto analisado é a presença de religiões de matriz africana. De acordo com Venâncio (2019) as pesquisas sobre religiões eram limitadas a falar apenas sobre a presença dos missionários Orionitas e das religiões protestantes e pentecostais. Segundo a autora, pareceu “[...] haver certa negação e silenciamento sobre a presença das dominações religiosas de matriz africana pela população local, seja no âmbito acadêmico ou fora dele” (p.24). Em virtude dessa negação e silenciamento por parte da população, a autora sustenta que, mesmo que a presença da Umbanda na região tenha como marco meados da década de 1970, quando representantes da Confederação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB) chegam à região para realizar o cadastro dos terreiros e liberar o alvará de funcionamento, práticas religiosas como Terecô já se encontravam na região desde 1950.

Diante do exposto, para identificar as religiões presentes em Araguaína atualmente, recorreu-se a base de dados do IBGE. De acordo com o censo 2010 (o último realizado até a finalização desta pesquisa), as religiões que encontramos na cidade são: Católica Apostólica Brasileira, Católica Apostólica Romana, Católica Ortodoxa, Espírita, Espiritualista, Evangélica, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Judaísmo, Novas Religiões Orientais, Testemunha de Jeová, Umbanda e Candomblé. Segue abaixo a tabela com o quantitativo de pessoas em cada religião.

Tabela 1- Religiões em Araguaína

Religiões em Araguaína (2010)	População
Católica Apostólica Brasileira	183
Católica Apostólica Romana	97.884
Católica Ortodoxa	48
Espírita	1.043
Espiritualista	43
Evangélica (Não determinada, Missionária e Pentecostal)	36.308
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias	11
Judaísmo	21
Novas religiões orientais (Igreja Messiânica Mundial)	14
Testemunhas de Jeová	1.738
Umbanda	14
Umbanda e Candomblé	14
Outras	2.066
Sem religião, Agnóstico e Ateu.	11.111

Fonte: IBGE (2010)

Como podemos observar, a maior parcela da população em Araguaína é Católica Apostólica Romana e a presença dos Orionitas foi um fator de grande influência para essa população, sem dúvidas. O trabalho de instalar o catolicismo na região, construindo bases de educação, saúde e religião atraiu muitos fiéis.

CAPÍTULO II

2 INICIAÇÃO NO BENZIMENTO, PROCESSO DE APRENDIZAGEM E MANUTENÇÃO DO SABER.

O processo de iniciação no benzimento é muito particular, cada benzedeira tem sua própria história até a sua primeira experiência de cura. Dessa forma, optou-se por escrever os caminhos de cada uma delas separadamente. Primeiro, dona Raimunda apresenta sua caminhada na descoberta do “dom”¹, seu processo de formação, de aprendizagem e manutenção das suas práticas de benzimento. Em seguida, é a dona Valdeci que também apresenta estes processos em sua trajetória.

Neste capítulo, após muitas reflexões sobre como evidenciar a voz das participantes e protagonistas desta pesquisa, sem hierarquizar “pesquisadora e pesquisadas”, procurei manter ao máximo a fala das benzedeiros contando a sua própria história, em uma tentativa desafiadora da pesquisa de falar do outro sem falar pelo outro.

2.1 Primeiro encontro com dona Raimunda

Vozinha, Doninha ou Dona Raimunda. Assim que a benzedeira Raimunda Lima de Sousa era conhecida. Fiquei sabendo sobre Dona Raimunda por uma colega da turma do mestrado que quando soube do meu projeto de pesquisa, disse que conhecia uma benzedeira em Araguaína e que, se eu quisesse, ela poderia me levar até lá. Fiquei feliz com a possibilidade de já ter encontrado uma interlocutora e, passados alguns dias, conseguimos combinar uma visita à casa da benzedeira para o dia 21 de dezembro de 2019 no horário da tarde.

¹ Utilizou-se o termo ‘dom’, primeiro, por ter sido o termo utilizado pelas próprias benzedeiros quando se referiam a sua intermediação com o sagrado para alcançar a cura do enfermo. O termo possui o mesmo sentido utilizado por Marcel Mauss (1984), de que o dom é uma dádiva, sagrado, que já nasce com o indivíduo.

Chegado o dia combinado, seguimos para casa de Margarida, filha de Dona Raimunda, por volta das 16 horas. Eu, a professora Sariza, a colega do mestrado Luciane e o companheiro dela. Margarida nos atendeu e pediu que entrássemos. Quando já estávamos na varanda Dona Raimunda apareceu na porta, seus cabelos brancos amarrados em coque, vestia saia e blusa estampadas. Com um sorriso no rosto, uma bengala na mão, veio ao nosso encontro para nos cumprimentar com um abraço cheio de cuidado e carinho.

FIGURA 3- Dona Raimunda



Fonte: Autora, 2020

Dona Raimunda logo perguntou se a visita era para benzimento, sentamo-nos nas cadeiras que tinham na varanda e explicamos que poderíamos marcar um outro dia para o benzimento, mas que o real motivo da visita era um convite para participar de uma pesquisa sobre benzedeadas de Araguaína, registrando suas memórias e seus saberes. Dona Raimunda se mostrou interessada em participar, logo perguntou “É pra contar a minha história?” Expliquei como seria o processo e com o aceite de Dona Raimunda e permissão da família, combinamos um novo encontro para iniciar as entrevistas. Como estava no período das datas festivas de fim de ano e férias, combinamos a próxima visita para o dia 21 de fevereiro de 2020.

Chegando próximo a data combinada, fiquei revisando as perguntas que faria, lendo os materiais que já tinha encontrado sobre outras pesquisas com benzedeadas para entender o universo delas e não deixar de perguntar nada. Nas leituras antecipadas acabei criando um “estereótipo”, uma forma padrão de como deveriam ser as benzedeadas, tendo como exemplo as pesquisas realizadas em outras regiões que conheci através das leituras. Com as leituras antecipadas e o padrão único inculcado, cheguei com muitas certezas para a entrevista, mas que foram por água abaixo no encontro com Dona Raimunda. Conforme Chimamanda (2019) afirma em seu livro “O perigo de uma história única, quando diz que “(...) o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (p.13). Sendo assim, nas próximas linhas, contamos outras histórias que também precisam ser conhecidas.

No segundo encontro, chegamos à casa de Margarida por volta das 9 horas da manhã, dessa vez, éramos só eu e a professora Sariza. Dona Raimunda aguardava a nossa chegada na varanda. Tudo pronto, começamos então a nossa conversa. Como já dito no capítulo anterior, dona Raimunda conta que nasceu em 22 de junho de 1928, em uma fazenda que seu pai trabalhava, chamada “Por enquanto”, no município de Grajaú, estado do Maranhão. Quando ainda era criança, sua família mudou-se para uma outra fazenda, também em Grajaú (MA), propriedade da sua família. E foi nesta fazenda, ainda menina, que descobriu sua mediunidade.

2.1.1 “Oh aí, ela é uma menina, eu vou falar pra senhora, ela é média santa”. Os primeiros sinais do dom da benzedeira Raimunda.

Os primeiros sinais do dom de dona Raimunda aconteceram quando ela ainda era criança, porém naquela época ela ainda não tinha compreendido que teria o dom de benzer. Ela relata que foi durante uma visita de um senhor de idade que estava vindo de muito longe e pediu pouso para descansar em sua casa. Naquela noite, com a família reunida, o visitante revelou que Raimunda era uma médium santa.

Um dia, nós tava tudo em casa, quando chegou o veíno. Pediu pouso, meu pai deu. (...) Aí, ele conversou muito de noite mais meu pai. E eles nunca observaram que ele (o veíno) não era ele, mas minha mãe cuidou do mesmo jeito. Era só um beijuzinho que ele queria, um pedacinho. Aí, ele comeu e chamou nós para olhar nossos olhos, nossa mão... Eu tava lavando prato, aí minha mãe me chamou “Doninha! Doninha, o Véio tá te chamando!” As outras duas foram primeiro (irmãs de dona Raimunda), aí ele disse “Não! Eu quero essa aqui”, ele queria era eu. Ele olhou minha mão toda, chamou a mamãe, mamãe veio. Ele disse “Oh aí, ela é uma menina, eu vou falar pra senhora, ela é média santa” ...mé-dia! “Ela já nasceu média. Ela vai ficar uma pessoa que...advinha? Ele vai dar muita coisa boa pra ela, Deus!” (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020)

O processo de iniciação no benzimento pode ocorrer de formas diferentes, conforme Alberto M. Quintana (1999), existe duas formas de processo de iniciação das benzedeadas: um imitativo, baseado em uma aprendizagem a partir da imitação, quando os mais jovens imitam um antigo benzedor da família e assim o conhecimento é passado de geração em geração e, outra forma, é através de uma experiência mística, quando o conhecimento é transmitido por uma entidade espiritual, que pode ser um anjo ou um guia. No caso de dona Raimunda, ela aprendeu algumas rezas com os mais velhos, como por exemplo, o Pai Nosso, Ave Maria e o Sonho de Nossa Senhora, mas a sua condição de médium que estabeleceu a forma de aprendizagem do benzimento. A partir dessa condição, foi possível a comunicação com seus guias para que eles pudessem transmitir os conhecimentos de como e quando utilizar estas rezas.

Bem...aí, ele contou tudo, tudo, tudo, disse “Ela é boa demais. Tudo que ela faz ninguém precisa ensinar, não é?” a mamãe “Não ensino não senhor.” Depois, nós pegamos papelão e a almofada, enchemos o bilro. Ele fez o gradeado e botei fé, coisa mais beleza! Ele disse, é... (uma pausa, parecia tentar lembrar alguma coisa) Bem...aí, o veíno se despediu e saiu. Ele saiu como hoje para Carolina (MA) e papai como amanhã, com carga de arroz. De lá de casa até Carolina, 25 léguas, ele encostou em três casas. Perguntaram “Seu Raimundo?”, o povo conhecia muito meu pai, “Lá passou um tal de veíno?” meu pai disse “Passou, o senhor sabe quem é?” disse “É o padim Ciço” (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020).

Como já foi mencionado, o “padim Ciço” (padre Cícero) é uma figura muito importante nas regiões norte e nordeste. Sua visita à casa dona Raimunda é um ponto importante a ser observado, uma vez que é a figura principal de legitimação da sua trajetória como benzedeira. É ele quem faz a revelação do seu dom de comunicação com o sagrado, não só quando revela sua mediunidade para a família, mas também quando diz “*Ele vai dar muita coisa boa pra ela, Deus!*” indicando a origem e legitimação do seu dom.

Oliveira (1983), afirma que existem três etapas para a legitimação das benzedeiros consideradas autônomas, ou seja, que não possui vínculo com alguma instituição, como no caso de dona Raimunda. A primeira delas ocorre dentro do círculo de familiares em virtude de as primeiras experiências de cura dar-se aos membros mais próximos. No segundo momento, a legitimação é efetivada pelos amigos e vizinhos e por último pelos “de fora da comunidade”, reconhecendo o seu dom e sua ligação com o sagrado (p.262). No caso de dona Raimunda, além das três etapas descritas pela autora, sua legitimação ocorre, principalmente, na narrativa da visita do padre Cícero, ou seja, a figura simbólica que ele representa na região legitima o seu destino como aquela que “*vai ajudar muita gente*”.

2.1.2 “Por que a mãe desse menino não benze ele? Eu não sabia benzer, aí ela falava Por que você não reza? O que eu rezo, gente?”

O processo de formação de Dona Raimunda se deu de duas formas. As primeiras rezas ela aprendeu com os mais antigos, pais e avós. Mas só mais tarde, ela aprendeu com seus guias espirituais como e quando utilizar cada reza. A seguir, dona Raimunda relata sua primeira experiência como benzedeira.

Eu tinha 30 anos, ninguém me ensinou. Primeiramente, um véio... Assim, é que eu queria aprender o Sonho de Nossa Senhora. “Eu quero sim, Antônio”, chamava Antônio, o véio. Aí, ele me ensinou o Sonho de Nossa Senhora que diz assim:

Quem quiser ver o sonho de Nossa Senhora

Vai pro monte das Oliveiras

Onde tudo é testemunha

Onde Jesus Cristo encostou

E deu um grande suspiro que acordou São Gabriel,

Aí ele perguntou: Anjo Gabriel cadê a virgem Maria, minha mãe?

Ela respondeu, ela: Meu filho, meu lindo filho, eu não durmo nem vigília.

O que minha mãe sonharia? Ele falou.

Ela disse: Eu vi o Sol gemer e a Lua suspirar e seu rosário quebrar, grandes cordas amarradas.

Quem essa oração souber, nesse mundo será rei, no outro será coroado
 E quem a ver e não aprender, se souber e não ensinar, muito vai se arrepender.
 Se arrependerá.

Depois de aprender a oração de Nossa Senhora, aí eu aprendi tudo. Antônio já morreu. Aí, adoeceu um filho meu, Manoel. Até no Centro Espírita eu fui com ele, Centro Espírita. Eu ia com ele na benzedeira, ela não queria benzer, dizia assim “Por que a mãe desse menino não benze ele?” Eu não sabia benzer, aí ela falava: “Por que você não reza?” O que eu rezo, gente? (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020).

Conforme Oliveira (1983) e Quintana (1999), a descoberta do dom de benzer pode acontecer através de um sonho, uma voz, uma vidência, um sofrimento, um período de provação na vida ou por carregar em sua genética uma vocação herdada de seus ancestrais. Para dona Raimunda, a descoberta do seu dom de curar ocorreu através da doença do seu filho. Em seu relato sobre este episódio, a interlocutora refaz toda trajetória em busca da cura para sua criança. Mesmo se apresentando como católica, ela recorreu a agentes de cura em outras religiões, buscou ajuda com benzedeadas e com médicos também, porém nenhuma das alternativas apresentaram respostas na recuperação da saúde do seu filho.

Aí, esse menino adoeceu nove dias de nascido, arrotando e vomitando, ele mamava e comia. Foi emagrecendo, era bonitinho, gordinho, foi emagrecendo, emagrecendo. Ele falou, um doutor de Belém, falou “Você dá o chá de vinagreira com tylenol...” Cheguei, fiz foi muito, mesma coisa que nada. E a dona Filó, ela rezava pra servir, levei ele na casa dela oito dias, rezando oito dias, mesmo que nada, mesmo que nada! Eu ia todo dia na casa dela e ele arruinando, magrinho. Passou por dois anos, não ia a lugar nenhum, ele não ia. Chamavam ele de sobejo da morte. Sabe o que é não? Tinha dia que ele tava tão ruim que apagava, entendeu? Então, todo mundo pensava que ele tinha morrido, colocava vela na mão dele e tudo, de repente ele voltava. Aí, a vizinha chamava ele de sobejo da morte porque pensava que ele tinha morrido e não morria, entendeu? [...]Aí, tava ruim, com febre, dava febre também, só os ossos! Eu fui pra mata com ele pra ver. Nada, voltei. Aí, de noite chamei o véio, tava até trabalhando. Aí eu pedi pra ele e ele veio. A cama dele era aqui, eu bem aqui e o veíno acolá. O veíno passou a noite todinha com a vela na mão e ele disse “Já morreu cumadi?”, eu disse “Não, cumpadi”, ele “Já morreu cumadi?”, eu “Não cumpadi”. Amanheceu o dia queimando em febre, aí o veíno disse “Eu vou lá em casa cumadi, depois eu venho aqui.” Aí ele foi e eu fiquei. Depois, chegou um homem, da casa dos Partage, José Adriano. Aí, riscou a burra, disse: “Tô aqui porque Raimundo mandou eu procurar como é que tá o filho dele”, eu disse “Seu Zé, ele tá quase morto”, aí ele disse assim “Traz esse menino aqui pra eu ver”, eu disse “Não, ele tá queimando em febre”, ele disse “Venha cá com ele”, aí eu levei. Aí, ele examinou o menino todinho, tudo, tudo, tudo! Virou pra mim e falou assim “O filho de seu Raimundo é esse?”, eu falei “É, por quê?”, ele “Esse menino não tem doença nenhuma!”, aí, eu quase caí “Como não tem seu Zé?”, ele falou “Ele precisa de reza”, eu falei “Não, precisa de reza não senhor, eu já fui até no centro espírita com ele, rezaram nele, foi bem cuidado.” Aí ele falou “Quem tem que rezar nele é você, se você não quiser que seu filho morra, é só você rezar nele” (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020).

Segundo Lewitzki (2019), “a descoberta do dom da benzeção é a consciência da identidade do diferente. A benzedeadá é uma outra, uma rara, uma nova pessoa: alguém que

possui um dom” (p.184). Pode-se observar na narrativa de D. Raimunda sobre sua primeira experiência com o benzimento, que apesar de outras pessoas aconselharem que ela rezasse o próprio filho, ela não tinha consciência daquele dom, não tinha consciência da sua capacidade de curar através da sua reza ainda. Reconhecer-se com tamanha capacidade foi um processo gradual. Só quando já não encontrava mais alternativa, dona Raimunda permitiu o despertar do dom.

Eu só sabia o Pai Nosso, minha fia, eu só sabia o Pai Nosso! Aí, sentei com o menino na perna e o seu Zé foi embora. Aí, eu chorei, chorei, chorei, aquele choro de dentro, parecia que nunca ia acabar. Chorei, chorei, dei aquele suspiro, aí limpou. Peguei três folhas de Fedegoso, conhece fedegoso? Rezei o Pai Nosso nele, que era o que eu sabia. Meio-dia eu tornei rezar, mas chorando, meu outro filho “Mamãe, não chore não, mamãe! Se ele morrer é descanso pra ele”. Tornei a rezar. De noite, tornei a rezar...Aí eu observei que ele tava mais melhor, com o vômito mais demorado. Aí eu continuei, continuei, continuei. Dessa noite pra outra, eu não dormi um pingão! Um guia me ensinando a noite todinha, ele “É assim, assim, assim..”, eu aprendi um bocado. Eram dois, só essa noite falaram comigo, falando pra eu rezar nele” (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020).

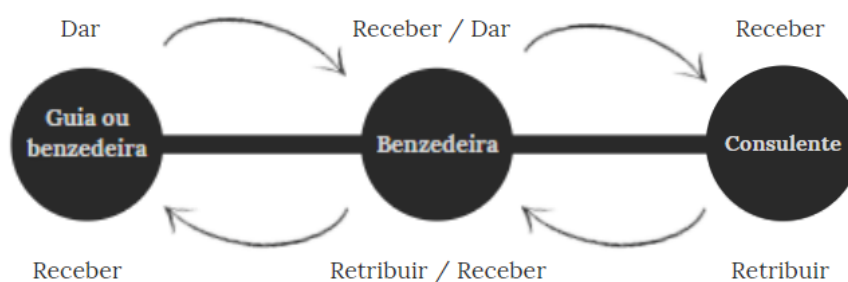
A formação com os Guias, segundo dona Raimunda, durou apenas uma noite. Este foi o tempo necessário para ela aprender como utilizar as rezas, pois para cada caso tem uma forma de rezar, e recebeu as orientações de como deveria realizar sua prática. Uma das recomendações citadas por dona Raimunda, era que não poderia passar para outras pessoas o que aprendeu com os guias, caso ela passasse, suas rezas perderiam as forças.

Quando tava com cinco dias, ele tava comendo e não tava vomitando. No outro dia Raimundinha, que era a moça perto de mim, chegou lá e disse “Doninha, o que tu fez com sobejo da morte?”, eu disse “Que que é Raimundinha? Não chama ele de subejo da morte não”, ela disse “Mas mulher, ele tá quase bom, o que que foi?”, eu disse “Eu dei a ele o remédio da farmácia!” da farmácia (ênfaticamente). Aí, ela correu em casa, falou “Mamãe, se a senhora vê o sobejo da morte como tá...”, a mãe dela “O quê, menina?”, ela disse “Mamãe, bonzinho mamãe. O bichinho tá bonito e mais gordinho.”, a mãe disse “Mentira menina!” e correu mais com ela, chegou lá em casa e disse “Cumadi o que foi que você fez com o menino, cumadi?” eu falei “Nada”, contei não. Eu não tinha contado pro povo, nem pros de casa. Eles falaram que eu ia ficar rezando pro povo (os guias), de noite, eles falaram isso pra mim. Que eu não cobrasse, só recebesse o tanto que me dessem, foi o que ele falou. Depois, na vila, tinha muita casa lá, tinha uma mulher com um porco engordando e o porco caiu, ficou cansado. Aí, ela correu e disse “Cumadi vem cá, olha como é que tá meu porco, cumadi”, aí, eu corri assim, peguei um mato (risos) e rezei no porco. O porco olhou assim, ficou balançando e ficou em pé, aí eu fui embora pra casa da minha tia. Depois eu perguntei “E o porco cumadi? ela respondeu “Tá bonzinho, cumadi!”, aí, foi com aquilo que comecei” (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020).

A orientação dos guias sobre a não cobrança dos serviços de benzimento é um dado importante para o entendimento da economia do benzimento na perspectiva do estudo dos comuns. De acordo com Mauss (2003), em “Ensaio sobre a dádiva”, em diversas sociedades existe uma relação social fundamentada em três ações: dar, receber e retribuir, que

são compreendidas como relações de reciprocidade. No universo das benzedeadas a relação de reciprocidade é muito evidente (conforme demonstramos a seguir e na figura 4).

FIGURA 4 - Reciprocidade na prática do benzimento



Fonte: Autora, 2020

Karl Polanyi (1944), um dos estudiosos sobre formas de economia em sociedades capitalistas, aponta a reciprocidade como uma categoria econômica diferente de troca. Segundo o autor, que utiliza como um dos apoios de suas teorias os estudos de Marcel Mauss em “Ensaio sobre a dádiva”, as relações de reciprocidade têm como característica os valores coletivos, afetivos e éticos, que mantêm a lógica das relações criando os laços de amizade, confiança e fidelidade. Já a troca, leva em conta os interesses individuais e a concorrência.

A reciprocidade como categoria econômica funciona de forma integrada com outras formas de economia, como por exemplo, a domesticidade e a redistribuição que em algumas comunidades tradicionais estão presentes, principalmente, nas práticas de mutirões e como analisamos nesta pesquisa, na cultura do benzimento. O contato direto entre a benzedeadora e o consulente e da benzedeadora com os guias ou com outra benzedeadora mais antiga que compartilhou com ela seus saberes, permite uma relação de reciprocidade, criando os laços de confiança, amizade e preservando os valores éticos, como confiança e responsabilidade, necessários para a permanência e funcionamento desta prática econômica.

Após análise dos dados compreendemos que a economia utilizada na cultura do benzimento é baseada nas relações de reciprocidade. Funcionando da seguinte maneira, a benzedeadora ao dar o benzimento é retribuída pelo consulente em forma de presentes como por exemplo, velas, imagens dos santos de devoção, cestas de alimentos ou até uma ajuda para

construção de capelas, altares e festejos organizados por elas. Por sua vez, as benzedeadas também retribuem o dom recebido ao Sagrado em forma de orações e devoções e no caso de aprendizagem com outras benzedeadas a retribuição se dá em forma de ajuda nos preparos de medicamentos, ou nas demandas da casa, salão ou terreiro.

A reciprocidade sobrevive no coletivo, no apoio mútuo entre os grupos e não nos interesses individuais e acumulação de lucro sustentada pelo mercado. Assim, entendemos a não mercantilização da prática de benzimento, e a sua sustentação nas relações de reciprocidade como uma r-existência ao sistema capitalista que propõe exatamente os valores contrários. Com isto, a partir do que propõe as discussões sobre os comuns atualmente e suas relações com as práticas econômicas do benzimento, podemos compreender a economia da reciprocidade no benzimento como um exemplo para se pensar formas de vida que podem ser consideradas uma alternativa ao atual sistema, determinado pelas relações de mercado.

2.1.3 As práticas do benzimento e a formas de manutenção desse saber.

Dona Raimunda relata, sobre suas experiências, que os casos mais difíceis no benzimento são os de cobreiro e arca caída. Contou que certa vez, um rapaz estava 20 dias internado no hospital e nada dava jeito, até que um senhor informou para o pai do menino que conhecia uma mulher *boa pra reza* e que seria bom ele ir buscá-la para rezar o filho dele.

(...) Aí eu fui lá no hospital, fui medir a arca¹ dele e tava aberto. Aí, eu fui rezando, rezando e rezando, seis horas. Aí eu fui pra casa pra no outro dia ele me buscar. No outro dia de tarde fique esperando, esperando...tava demorando! Pensei “Meu Deus, será que o rapaz morreu?” daqui pouquinho ele chegou. Aí eu tornei a rezar e o doutor prestando atenção. Fui pra casa, combinou amanhã tantas horas pra me buscar de novo. No outro dia, tava demorando de novo, “Meu Deus, o homem arruinou”. Daqui a pouco ele chegou, eu perguntei “o rapaz acordou?”. Quando cheguei, ele tomou banho, trocou de roupa, se penteou... “Vixi Maria! Não era aquele que eu tinha visto doente não” (risos). Aí medi a arca dele, tava certinha e ele bonzinho. Aí o doutor perguntou “Qual é o seu nome?” eu falei “Raimunda” aí ele “A senhora mora onde?” eu falei “Lá no campo de futebol” (sua casa era construída dividindo o terreno com o antigo estádio de futebol de Araguaína, conhecido como Gauchão). Aí ele ficou mandando as pessoas pra lá e disse que agora ele trabalhava mais folgado (risos) (Entrevista Oral, Raimunda Sousa, fev. 2020).

Tendo em vista o poder social atribuído aos médicos como superior a qualquer outro agente de cura, a relação entre médicos e benzedeadas, nem sempre era uma relação amistosa. Porém, dona Raimunda relata que tinha uma boa parceria com os médicos da região, muitos indicavam aos pacientes que a procurassem e ela, por sua vez, quando sabia

que o mal que afligia a pessoa não era “doença de benzedeira”, encaminhava os enfermos para os médicos também.

Sobre passar os seus conhecimentos de benzimento para outras pessoas, dona Raimunda diz que pode até ensinar algumas orações, mas não pode ensinar o ritual do benzimento (o que rezar em cada caso, jaculatórias etc.), segundo a benzedeiros, ela não poderia passar nem para os filhos, pois seus guias a orientaram que se caso passasse para alguém, suas rezas perderiam força. Quanto aos seus conhecimentos sobre as plantas medicinais, ela indica e ensina alguns remédios utilizando as plantas principalmente, para os casos de bronquite.

Nos rituais de benzimento, os instrumentos utilizados podem ser diferenciados de acordo com cada caso, exigindo performances diversificadas também. Dona Raimunda afirmou que utilizava mais o raminho verde, mas que para arca caída utilizava um pano e, para cobreiro e fogo selvagem, utilizava um tição de fogo. Na foto a seguir, podemos observar dois instrumentos utilizados para o benzimento, o ramo verde e o pano laranja apoiado sobre seu pescoço para medir arca caída.

FIGURA 5 - Dona Raimunda realizando benzimento



Fonte: acervo da família

Os ramos utilizados nos benzimentos variam de benzedeira para benzedeira, não existindo a exigência de uma planta específica. Dona Raimunda nos contou sua preferência por uma planta conhecida como Vassourinha (*Scoparia dulcis*), por ser esta *uma planta santa, pra ninguém se admirar... a florzinha dela é pequenininha e branquinha*, porém não encontrava mais dela na região para benzer e então, benzia com um outro ramo que tinha em seu quintal, um ramo de Pau-ferro (*Libidibia férrea*).

FIGURA 6 - Vassourinha (*Scoparia dulcis*)



Fonte: Autora, 2021

Fato curioso foi que, em uma última visita de campo para fazer os últimos registros do seu quintal, depois do seu falecimento, encontramos algumas Vassourinhas que tinham nascido por lá.

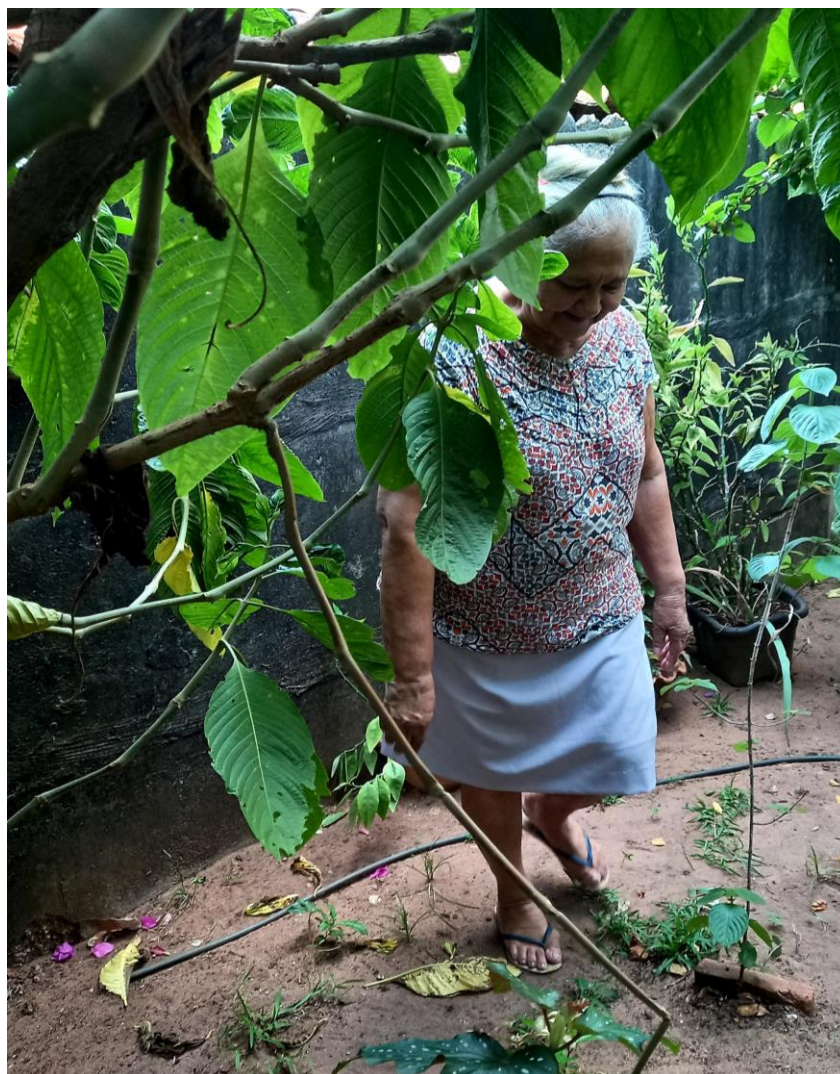
Diante do exposto, sobre as práticas de benzimento de dona Raimunda e as formas de manutenção do seu saber, é possível destacar que neste caso analisado alguns conhecimentos puderam ser transmitidos, principalmente sobre a manipulação das plantas medicinais para produzir os remédios. Porém, sobre o ritual do benzimento, a benzedeira não poderia compartilhar seus saberes por ser uma das exigências dos seus guias, caso contrário, suas rezas perderiam força. Analisando este fato, mesmo dona Raimunda sentindo-se triste por não poder passar seus conhecimentos para filhas ou netas conforme era sua vontade, para ela esta foi uma forma de manutenção de sua prática, uma vez que ao repassar seu saber não poderia continuar ajudando quem precisasse.

2.2 Primeiro Encontro com dona Valdeci

Valdeci Pereira Reis é benzedeira e presidente de mesa da Tenda Espírita Umbandista Santa Joana D'Arc localizada em Araguaína. Conheci Dona Valdeci através da professora Sariza, que já tinha partilhado algumas histórias sobre a trajetória dela em suas pesquisas. Como o contato com a benzedeira Valdeci era mais fácil, por conta da proximidade com a professora, combinamos a entrevista para 31 de outubro de 2020.

Chegamos à casa de dona Valdeci por volta das 15 horas, ela já estava a nossa espera na varanda, a entrevista foi realizada seguindo os protocolos estabelecidos pelos Órgãos de Vigilância Sanitária, em virtude da pandemia global causada pelo Coronavírus - COVID-19. Sendo assim, quando fui apresentada a Dona Valdeci pela professora, tive que me conter da vontade imensa de dar um abraço e respeitar a distância limite de um metro, mas o afeto foi percebido através de um sorriso genuíno que recebi dela.

FIGURA 7- Dona Valdeci



Fonte: Autora, 2021

Sentamo-nos nas cadeiras que rodeavam uma grande mesa na varanda, o café e uns biscoitinhos já estavam a nossa espera também. Após a permissão de dona Valdeci, iniciamos a nossa conversa. Valdeci nasceu em 29 de julho de 1951 em uma fazenda chamada São Bernardo, propriedade do seu avô, localizada em Carolina, município do estado do Maranhão. Quando criança, mudou-se com seus pais para São Raimundo, distrito da cidade de Ananás, no estado de Goiás (hoje Tocantins). Em 1972, já casada, mudaram-se, ela e o esposo, para Araguaatins, foi neste período que iniciou suas práticas de benzimento. Só em 1977 que dona Valdeci chega em Araguaína, onde mora atualmente (VENÂNCIO,2013).

2.2.1 “Nunca deixem essa menina perto de água.” Os primeiros sinais do dom de dona Valdeci

Os primeiros sinais do dom de dona Valdeci também apareceram quando ainda era uma menina. A própria Valdeci relata em seu livro “Lá vem ela, Joana d’Arc. E já estava guerreando” que escreveu em parceria com a professora Sariza, sobre estes primeiros sinais que indicavam o seu dom. Conforme as autoras, foi quando Valdeci ainda era uma menina, logo depois que ela e sua família mudaram-se de Carolina (MA) para São Raimundo, distrito de Ananás (na época, pertencia ao estado de Goiás). A pequena Valdeci estava quase completando 8 anos de idade, quando teve sua primeira experiência com a Encantoria.

Tio José, um senhor que morava na casa da família, levou-a (a pequena Valdeci) para pescar com ele no rio dos Porcos, que deságua no córrego Cruz. Entre uma brincadeira e outra próxima às margens, ela viu quando as águas do rio foram se abrindo ao meio até ser possível ver o fundo cheio de areia. Ela disse que se arrepiou toda, mas que achou aquilo muito bonito e começou a gargalhar sem parar e a andar em direção a água. Tio José, que acompanhava suas peraltices à distância e percebendo o que acontecia, correu ao seu encontro, pegou-a no colo e foram embora às pressas. Chegando em casa, ele contou aos pais de Valdeci que viu, no meio dos rios, uma moça branca com manto vermelho que ia em direção da pequena Valdeci afim de abraçá-la e que, se não fosse pelo fato dele ser vidente e conhecer o que era a Encantoria, eles teriam ficado sem a filha, pois ela teria se encantado. Assim, advertiu aos pais: Nunca deixem essa menina perto de água (VENÂNCIO e REIS, 2020, p. 13 e 14).

Esta foi a primeira experiência de dona Valdeci com as entidades dos Encantados, mas nesse período ainda não compreendia muito bem o que tinha acontecido. Desde pequena dona Valdeci também apresentava sinais de sua mediunidade, costumava prever quando alguém ia morrer, tinha a sensação de ter sempre a presença de uma pessoa andando ao seu lado, também sentia alguns empurrões e quando dormia sentia como que sua alma saísse do corpo. Como sua família, de origem católica, não tinha muito conhecimento sobre esses assuntos espirituais, achavam que todos esses sinais não passavam de coisas da sua imaginação. E assim dona Valdeci passou toda sua infância e parte da Juventude sem entender o dom que carregava (VENÂNCIO e REIS, 2020).

A mediunidade foi uma condição fundamental para o processo de formação das duas benzedeadas desta pesquisa. E na busca de compreender melhor esta condição, questionamos sobre o que é ser uma médium para dona Valdeci e recebemos como resposta em uma das entrevistas que:

Médium são os grandes filhos de fé que com grande renúncia recebe os espíritos. São pessoas que tem a faculdade espiritual para receber as entidades, ser focalizada para que eles possam fazer o bem aqui na terra, como passar um remédio, rezar, conversar, dar uma palavra de apoio, de amigo. Essas pessoas são os médiuns. Todo mundo é médium, mas nem todos eles podem se desenvolver. Você sabe qual foi o maior médium que já nasceu no mundo? Foi Jesus Cristo, porque ele teve o poder de receber o espírito santo de Deus. Então, são os grandes filhos de fé que com grande renúncia recebem a focalização dos guias, orixás de luz, que são os guias mesmo. São os filhos de luz que incorporados possam prestar caridade aqui na Terra. (...) As pessoas já nascem médium, e me parece que são seis espécies mediúnicas, porque tem o médium de incorporação, aquele que incorpora é focalizado pela corrente e ele não vê nada. Então, ele não tá sabendo o que ele tá fazendo, eu não sei o que eu tô fazendo na hora. Tem a médium vidente, aquele que vê de olho nu. Tem o médium escrevente, que é mais da parte Kardecista que eles descem muito pra escrever. Tem o médium de radiação, ele só faz ser radiado continua fazendo tudo, ele não perde a consciência, mas tá radiado. E tem o médium ouvinte, que ele só faz ouvir as coisas que o espírito diz. A gente só pode ter uma dessas faculdade espiritual, porque uma atrapalha a outra. E tem o médium de cura, às vezes ele nem incorpora, mas ele faz aquela cura maravilhosa, que ele coloca a mão na cabeça daquela pessoa e cura em nome de Deus. Nem todo médium cura, mas as pessoas de qualquer religião cura, desde que creia em Deus, tenha muita fé em Deus e fé naquilo que ele faz. (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out. 2021)

2.2.2 “Quando eu cheguei, dentro da minha cabeça disse assim *Vai curar o homem em nome de Deus*, mas eu digo *Eu não tô doida, o que que eu sei fazer?*” Processo de formação de dona Valdeci.

A benzedeira Valdeci sempre teve problemas com sua saúde e depois do casamento as sensações de empurrões que a derrubava ao chão e os desmaios se tornaram mais frequentes. Juntamente com desmaios, também sentia fortes dores de cabeça, fraqueza e sua mão direita ficava cada vez mais sem força. Após recorrer a vários médicos na tentativa de descobrir qual doença prejudicava tanto sua saúde e não encontrar respostas, uma amiga da família, chamada Joana Borges, sugeriu que Valdeci procurasse por Mestre José Odenir, um Pai de Santo, alegando que seus males eram espirituais e que ele poderia ajudá-la (VENÂNCIO, 2013).

Oliveira (1983) ao falar sobre a iniciação no dom nos casos das benzedeiros kardecistas ou umbandistas destaca que “(...) está muito ligada a situações de sofrimento (seja ele uma doença, o que é mais comum, seja uma crise de vida). Essas situações impõem-lhes uma missão que é o desenvolvimento da mediunidade” (p. 186). Foi o que de fato ocorreu com Dona Valdeci. Após uma certa resistência, ela decidiu ir ao encontro do mestre José Odenir que estava em Araguatins realizando alguns trabalhos no terreiro de dona Maria Cuiabana. Neste encontro, Valdeci compreendeu, a partir da conversa com a entidade Mariana

(utilizando mestre Odenir como aparelho) o motivo dos problemas de saúde que estava enfrentando:

(...) arriou ali a encantada Mariana e disse que Valdeci não precisava ter medo de nada pois ela era sua filha, e por isso iria ajudá-la. Enfatizou que ela faria da jovem uma grande médium e a usaria para curar muitas pessoas. Mariana ainda contou que sabia dos sofrimentos pelos quais Valdeci estava passando – e passaria – e que, por isso, quis levá-la deste mundo à Encantoria quando ela era criança, mas que o tio José não deixou (VENÂNCIO e REIS, 2020, p. 19 e 20).

Após a conversa com a entidade e encontrando ajuda para o seu desenvolvimento no terreiro de dona Maria Cuiabana, Valdeci tomou a decisão de trabalhar como umbandista, tendo todo apoio do seu companheiro Osmar. (VENÂNCIO, 2013).

Assim como dona Raimunda, a primeira benzedeira entrevistada, que só teve o dom despertado após tomar a decisão de rezar seu próprio filho, dona Valdeci também teve o seu despertar do dom após tomar a decisão em se desenvolver na umbanda, ou seja, elas precisavam aceitar o dom para poder exercê-lo. Conforme Oliveira (1983) existe um momento na vida das benzedoras em que elas “despertam para os seus segredos, mistérios e estratégias, descobrindo-se vocacionadas para executá-las” (p.184). A partir de então, Dona Valdeci realiza sua primeira experiência com o benzimento:

Eu tinha de 21 pra 22 anos me parece, quando eu comecei. Eu já vivia sofrendo muito, mas até 21, 22 anos foi que eu comecei a benzer. Então, a primeira pessoa que eu fiz uma cura, ela ainda está viva, ela está com oitenta e poucos anos, mora em Araguatins. Mandou até me chamar pra eu ir lá ver ele, é o Guilherme. Guilherme Rodrigues Matos foi a primeira pessoa que eu coloquei a minha mão. Eu tava com uns 20 dias que eu tava dentro de uma tenda espírita pra desenvolver, e eu vi esse homem e fiquei agoniada pra ir botar a mão na cabeça dele sem saber nada, sem saber rezar nada, nada, eu não sabia. Eu sabia pouca coisa, sabia uma Salve Rainha, um Creio em Deus Pai, um Pai Nosso, era a única coisa que eu sabia que tinha aprendido em casa mesmo e na igreja. E eu fui pegar uma água, que naquela época tinha cisterna, e lá em casa não tinha cisterna, aí atravessei a rua do outro lado era a casa da Cecília e do Raimundo Matos. A irmã do Guilherme era a Cecília que morava na casa. Aí, esse irmão (Guilherme), tava lá com as mãos na cabeça, chorando com as mãos na cabeça dentro do terreiro. Aí eu tirei a água e vim me embora. Quando eu cheguei em casa, dentro da minha cabeça disse assim “Vai curar o homem em nome de Deus”, mas eu digo “Eu não tô doida, o que que eu sei fazer? Não sei fazer nada, então não posso fazer uma coisa dessa.” Aí, eu fechei a porta que era pra não ir, fechei a porta e entrei pra dentro de casa. E aquela agonia, aquela agonia, aquela pessoa sempre dizendo assim “Vai curar o homem em nome de Deus!”, mas eu não sabia fazer nada disso, mas alguém dizia assim “Coloca a tua mão em cima da cabeça dele que Deus faz o resto” (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

De acordo com Quintana (1999, p. 94) “o benzedor é um intermediário, é alguém que tem como particularidade especial uma comunicação privilegiada com o sagrado. Fica evidente na narrativa de dona Valdeci essa função de intermediária, principalmente no último

trecho quando ela diz que a voz na sua cabeça a ordenou *Vai curar o homem em nome de Deus* e logo em seguida quando disse *Coloca a tua mão em cima da cabeça dele que Deus faz o resto*. A benzedeira Valdeci durante todo o seu relato se coloca nessa posição, sempre afirmando que quem faz a cura é Deus e que ela é só um *instrumento na terra*.

D. Valdeci, em sua primeira experiência, também afirma que não sabia como fazer, que não sabia nada de benzimento, só algumas orações. O mesmo que ocorreu com dona Raimunda, a primeira interlocutora. Mas, depois que iniciaram com as rezas que sabiam, que tinham aprendido com os mais antigos, seus guias espirituais auxiliaram no processo orientando a maneira de como utilizá-las. O fator diferencial entre as duas, é que no caso de dona Raimunda todas as orientações foram ensinadas em uma única noite. Já dona Valdeci, relatou a frequência da presença dos guias no momento do benzimento e que continua sempre recebendo orientações.

Aí eu contei para dona Maria, outra irmã dele (do Guilherme), “Dona Maria eu tô ficando doida!”, dona Maria disse “Que conversa é essa menina?” Eu contei pra ela “Dona Maria tem uma pessoa que tá dizendo assim no meu ouvido e eu tô ficando doida, tá dizendo assim “Vai botar a mão na cabeça do homem e vai curar ele em nome de Deus!” Eu tô ficando doida! Não podia acontecer isso, porque eles eram crente Batista, como que eu ia chegar lá e ia dizer? Aí, ela pegou no meu braço e disse “Minha filha vem cá, porque é Deus que tá falando na sua cabeça e no seu coração pra você fazer essa caridade pro meu irmão. Tem 37 anos que ele tem essa dor de cabeça, pra ele não morrer ou ficar doido, aplicam (os médicos) anestesia geral nele.” Aí eu fui, cheguei lá sem jeito, sem graça, não tinha 22 anos ainda, tinha 21 anos, não conhecia ele direito, aí digo “Moço, bora botar essa cadeira bem aqui.” na frente tinha uns pés de coco no quintal, na frente dele, botei lá fora. Aí botei a mão na cabeça dele, (o guia) mandou eu botar a mão na cabeça dele (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

Vale ressaltar a preocupação de dona Valdeci ao se aproximar do doente pelo fato dele e sua família seguirem uma religião diferente da sua. O preconceito e intolerância com praticantes de religiões de matriz africana ainda é muito presente na nossa sociedade. A benzedeira conta que já sofreu muito preconceito, principalmente de vizinhos, por seguir a Umbanda. Em um outro momento, relatou que quando saía na rua, ouvia sempre uma vizinha chamá-la de “bruxa” e “macumbeira”.

Eu sei que eu fiz o Creio em Deus Pai, Salve Rainha e o Pai Nosso, mas eu sentia uma força de uma mão pesada e forte em cima da minha mão, eu sentia o peso da mão. Aí eu fiz o que tinha que fazer, e o resto eu fiquei fazendo de novo porque eu não sabia fazer outra coisa. Fui repetindo, repetindo, aí eu vi o homem fazendo assim (um barulho de ronco), o homem dormiu! Dormiu! (risos). Aí eu tirei a mão, mandei ele se deitar, ele acordou, se deitou, virou pra lá e caiu no sono. E pra eu tirar a minha mão de cima dele, eu tive que meter a outra mão pra tirar, não conseguia levantar o braço, o braço adormeceu porque eu tava com essa outra mão em cima

que eu não sabia de quem era. Eu fui me embora descompensada, era só atravessar a rua e era minha casa em Araguatins. Aí quando foi cinco horas da tarde, e ele ainda dormindo. Eu disse “Dona Maria, seu irmão já acordou?” Eu com medo, né (risos). Aí ela disse “Não, não acordou ainda não, ainda tá dormindo, mas tá vivo, tá respirando, pode ficar tranquila!” Aí, quando foi mais tarde, a porta tava fechada, eu escutei bater na porta, eu disse “Ai meu Deus, será que é notícia do homem?”, aí eu abri a porta, era ele. Ele disse “Eu vim agradecer você, porque eu estou bonzinho, a única coisa que eu tô sentindo é a cabeça pesada, mas eu tô curado.” Eu digo: “Agradeça a Deus porque foi ele que fez tudo, eu fui só o instrumento aqui na terra.” Aí, ele foi embora. Ele tá com... eu não sei se é 87 ou 88 anos, nunca mais ele doeu a cabeça. Essa prova tá lá em Araguatins. Aí, assim que começou a cura” (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

O processo de legitimação de dona Valdeci segue um outro caminho. Diferente de dona Raimunda que era uma benzedeira autônoma e começou benzendo um membro da família, dona Valdeci inicia seu processo enquanto se desenvolvia e trabalhava no terreiro de Umbanda de Maria Cuiabana, sua ligação a uma instituição religiosa permitiu que sua primeira experiência de cura fosse realizada com pessoas da comunidade e não, necessariamente, com um membro de sua família.

De acordo com dona Valdeci, podemos compreender o benzimento como:

Benzer, dar passe, tudo é uma coisa só. É uma cura, e curar é a mesma coisa também. Então, benzer, significa tirar todas as cargas pesada, fluidas, ruim que estiver sobre aquela pessoa. Às vezes tem inveja, tem olho grande, alguma perseguição em cima, algum sofredor, alguma quiumba que encostou perto e tá sacrificando a vida daquela pessoa. Aí a gente faz o quê? A gente benze aquela pessoa pra tentar afastar aquelas perturbações. Então, benzer é descarregar o corpo daquela pessoa, daquele irmão, fazendo com que ele possa restaurar a saúde dele. E a gente benzendo também, é como a gente tivesse dando um passe na gente também, no próprio benzedor, a própria benzedeira também tá recebendo. Porque é dar de graça aquilo que recebeste de graça. Então esse dom é dado por Deus, então a gente dá ele de graça também e recebe a cura também. A gente pode tá doente, pode tá se sentindo mal, se você dirigir o passe em cima de um irmão ou de uma irmã, você recebe aquela prece também. Então, são um conjunto de palavras sagradas e que protege tanto quem tá benzendo como quem tá recebendo aquele benzimento” (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

Em sua fala para explicar o que é benzimento, é possível confirmar a relação de reciprocidade que envolve a cultura do benzimento. Quando ela afirma que *E a gente benzendo também, é como a gente tivesse dando um passe na gente também, no próprio benzedor, a própria benzedeira também tá recebendo*, evidencia essa ideia de que apesar da gratuidade do benzimento, as benzedoiras são retribuídas de alguma forma. Neste caso, o que dona Valdeci ressalta é que quando se realiza uma cura pra quem tá precisando, a principal retribuição é esse bem retornar pra ela também. Ainda em suas palavras *Porque é dar de graça aquilo que recebeste de graça. Então esse dom é dado por Deus, então a gente dá ele de graça e recebe a cura também*. Para dona Valdeci, assim como para dona Raimunda, todo

o conhecimento sobre benzimento que foi recebido de graça, não pode ser mercantilizado, pois assim como receberam de graça, suas práticas devem ser ofertadas de forma gratuita a quem precisar.

2.2.3 Experiências e práticas do benzimento e a formas de manutenção desse saber.

De acordo com D. Valdeci, as rezas podem ser passadas sem problema nenhum, mas a pessoa precisa querer aprender. Por se tratar de uma aprendizagem oral, que são transmitidas através da fala, as rezas podem apresentar algumas diferenças sutis de acordo com cada região, mas o sentido permanece o mesmo.

Na época do primeiro benzimento eu só sabia o Creio em Deus Pai, Salve Rainha e o Pai Nosso. Hoje não, hoje eu já tenho as preces de cura, a prece de Cáritas que eu aprendi vendo a Dona Maria Cuiabana rezar no pé do altar e aí eu ia vendo outros rezar e ia aprendendo, tinha uns livrinhos também, o Sonho de Nossa Senhora foi a Alzira que me ensinou, o terço foi minha sogra que me ensinou, que eu não sabia rezar. Ninguém nasce sabendo de nada disso aí, o tempo é que vai ensinando a gente. As pessoas mais velhas que vê a gente, a nossa força de vontade de fazer a caridade para o nosso irmão, aí tem uns que ensinam” (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

Na fala da benzedeira, quando ela afirma que *ninguém nasce sabendo dessas coisas. [...] As pessoas mais velhas que vê a gente, a nossa força de vontade de fazer a caridade para o nosso irmão, aí, tem uns que ensinam*, descreve uma das formas de transmissão desse saber, que é quando os mais velhos ensinam para as gerações mais novas. Porém, um dos questionamentos que são levantados sobre essa forma de transmitir e manter esse saber é o risco dele se perder por falta de interesse das novas gerações. Quando questionada sobre este risco, dona Valdeci responde apenas que sempre vai existir alguém com o “dom” querendo aprender.

Por se tratar de uma aprendizagem oral, que são transmitidas através da fala, as rezas podem apresentar algumas diferenças sutis de acordo com cada região, mas o sentido permanece o mesmo. Anexado a esta pesquisa, se encontra o material utilizado pela Tenda Espírita Umbandista Santa Joana d’Arc, elaborado pela professora Sariza, com as principais rezas utilizadas por dona Valdeci. Destacamos, contudo, o Sonho de Nossa Senhora, que também foi mencionada pela outra interlocutora, dona Raimunda, para exemplificar que podem existir algumas diferenças, porém o sentido permanece. Segundo dona Valdeci, a reza é assim:

Quem quiser ouvir o sonho de Nossa Senhora em voz alta no monte das Oliveiras, no trono das cerimônias onde meu Senhor Jesus Cristo encostou e tão grande suspiro deu que acordou o anjo São Gabriel. Gabriel vamos a cerimônia com a virgem Maria minha mãe. Minha mãe se eu dormir vós me vigiai. Meu filho, meu bento filho nem durmo e nem vigio essa noite. Esta noite sonhei um sonho que vi a lua gemer, o sol suspirar. Sua coroa de espinho coroada, seu rosário. Então, duras cordas amarrando seu bendito sangue derramado. Quem o sonho de nossa Senhora não ensinar a sua alma há de penar. Quem ouve e não aprende, sua alma há de penar até o dia do Juízo.

Deus por mim nada será contra mim. (3x)

(Material da Tenda Espírita Umbandista Santa Joana d’Arc, elaborado por Sariza Oliveira Caetano Venâncio)

A benzedeira Valdeci também afirma que existe um ritual de reza específica para cada caso. Quando perguntamos se poderia nos ensinar alguns desses rituais, dona Valdeci nos respondeu que não poderia, apresentando a justificativa que não éramos espíritas, não seguíamos a religião. Como descrito por Oliveira (1983) “Embora os conhecimentos relativos à medicina popular sejam culturalmente partilháveis, aqueles referentes às benzeções propriamente ditas (fórmulas, orações, jaculatórias) são individualizadas e mantidas sob regras de controle comunitário” (p. 240). Quando indagada sobre a permissão de ensinar as práticas de benzimento para outras pessoas, dona Valdeci afirma que:

Pode ensinar e passar as rezas sim, é dá de graça aquilo que recebeste de graça. Os meus médiuns tudinho benze, tudo que eu aprendi eu passo pra eles também. Pode tanto homem como mulher. A primeira coisa que eu ensino quando chega aqui é o Creio em Deus Pai, Salve Rainha e o Pai Nosso. Aprendendo essas aí, vamos aprender a rezar o terço lá no pé do altar. Aprender a rezar o terço e tirar aquela vergonha de ir pra frente do altar, de se expor diante das pessoas, né. Então tem que tirar isso. Aí eu ensino, aí depois que aprende o terço, vai aprender a prece de Cáritas, depois o Sonho de Nossa Senhora, depois vai aprendendo as outras que quiser. Eu ensino, mas não é assim. Você vai seguir a religião espírita? Porque se for só pra aprender e depois jogar no mato, não adianta! Adianta pra pessoa que vai continuar ajudando as pessoas, ter aquele compromisso. Porque a gente aprende pra ajudar. Aprender pra não fazer nada, fica sem saber (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

De acordo com dona Valdeci, as rezas são passadas para quem quiser, mas existe um saber que é restrito a quem realmente vai dar continuidade e que não é revelado para quem quer só aprender por curiosidade ou outro motivo qualquer. No seu caso, ela passa tudo que aprendeu para os médiuns que trabalham com ela, pois sabe que eles utilizarão o conhecimento para continuar ajudando a quem precisar. Para dona Valdeci, os conhecimentos sobre benzimentos são passados para aquelas pessoas que atendem a alguns pré-requisitos, considerados por ela, para uma pessoa exercer o ofício de benzedeira que é ter amor, fé e caridade.

Todo mundo tem esse donzinho de cura, porque todos nós temos um anjo que nos protege, nos guarda e nos abençoa. E todos nós temos essa força, basta a gente ter confiança e fé. Porque a fé é a mola de tudo, é o amor e a fé. E aí, vem a caridade. São as três molas do mundo que sustenta o ser humano. É o amor, a fé e a caridade, sem essas três coisas nós não somos nada nesse mundo. Porque sem a fé, nós não fazemos nada, porque o próprio cristo disse no evangelho “A obra sem a fé é morta” ela não é nada. Então, pra nós seguir em frente, fazendo nossos benzimentos, pra nós ter força, a gente tem que fazer. Quanto mais você faz, mais você tem aquela força de fazer (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

Essa ideia é reforçada quando ela diz que *todo mundo tem esse donzinho de cura*, mas quando ela destaca as três virtudes: amor, fé e caridade, passa a ideia de que o dom deve vir acompanhado desses três pilares, caso contrário, ainda nas palavras de Valdeci *não somos nada nesse mundo*. Uma palavra muito recorrente nos relatos das benzedeadas é a caridade, ela aparece como uma das virtudes para se tornar benzedeadas. Oliveira (1983), também destaca a importância da caridade na prática do benzimento afirmando que “esse ofício também é concebido por elas como sendo uma caridade, uma graça, e, ao seu modo, uma dádiva, que deve expressar genericamente uma ajuda no bem” (p.187). Podemos observar na fala de dona Valdeci alguns valores importantes que sustentam as relações de reciprocidade.

A satisfação em poder ajudar quem precisa é notória na fala de dona Valdeci. A seguir ela relata o seu sentimento:

E a gente é tão grata a Deus, quando a gente vê uma pessoa que você colocou a sua mão e vê ele no outro dia bem... Ô, mas é bom demais! É melhor que uma prato de comida (risos). A gente poder ajudar aquela pessoa, poder participar daquela situação que ele tá passando, e você poder dar uma palavra amiga pra ele, dar uma palavra de força pra ajudar ele, meu Deus! (suspira) Parece até que a gente fica alta do chão (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

Como podemos ver sobre a aprendizagem das rezas, dona Valdeci afirma que foi aprendendo aos poucos, quanto mais ia fazendo, mais ia aprendendo. Já quanto aos seus conhecimentos sobre a medicina popular, ela nos explica que:

Os remédios eu aprendi com o tempo, os caboclos ensinando, às vezes vinha na minha cabeça, outras vezes a entidade descia e ensinava para as pessoas e as pessoas ensinavam pra mim. Às vezes eu perguntava “O que foi que disseram?” aí eles falavam “Foi assim, assim, assim...” eu “E o que é que faz?” eles “É isso, isso e isso...” (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020).

Assim como nas rezas, dona Valdeci adquiriu seus conhecimentos sobre as plantas medicinais com os mais velhos, com os guias que falavam “na sua cabeça” e com as entidades que desciam para ensinar também. A benzedeadas Valdeci nos conta que os conhecimentos sobre as plantas medicinais, diferente dos conhecimentos sobre o ritual do benzimento, podem ser passados para qualquer pessoa, sem qualquer pré-requisito, basta querer aprender. Sendo

assim, no encontro seguinte, dona Valdeci nos levou para caminhar em seu quintal e compartilhar seus saberes sobre as plantas medicinais. Este encontro será melhor detalhado no próximo capítulo e um registro das plantas medicinais encontradas nos quintais das duas benzedeadas, dona Raimunda e dona Valdeci, pode ser encontrado ao final desta pesquisa (Apêndice).

Referente aos materiais utilizados para o benzimento, dona Valdeci conta que muitas vezes ela benze só com as mãos sobre a cabeça da pessoa, mas dependendo do tipo de enfermidade e da idade do consulente, ela utiliza outros instrumentos, conforme seu relato:

Pra benzer eu uso as mãos. Hoje, pra criança eu uso ramo verde porque o ramo verde tem o poder de sugar a energia negativa que tem naquela criança. E tanto que quando você começa a benzer o ramo tá verdinho, quando você termina se ele tiver, se aquela pessoa tiver quebrando, aquele galho tá murcho que enrola. Até em gente grande também, se aquela pessoa tiver com a energia negativa, com a energia ruim. Pode ser com qualquer matinho verde. Gente grande a gente dá mais com a espada. Espada é um axé que a gente dá os passe nas pessoas, é uma toalha que os guia coloca no pescoço, chamado de faixa ou espada. Ali é um axé de caboclo. Só que é um pano sagrado só para aquele serviço mesmo, dar o passe nas pessoas. Pode fazer com a faixa na criança também, mas foi como eu aprendi. A criança eu benzo assim, se for uma criança maiorzinha eu uso a faixa.” (Entrevista Oral, Valdeci Reis, out.2020)

Os objetos usados na prática do benzimento por dona Valdeci são ramos verde e uma faixa de pano também conhecida como espada (figura 8 - b). Para cada enfermidade ela utiliza um dos objetos, performance e as rezas específicas. Porém, esses saberes relativos aos procedimentos que são realizados em cada caso das enfermidades, não puderam ser compartilhados conosco por motivos já apresentados, mas que foram passados para dona Valdeci pelos seus guias. Esta forma de aprendizagem através dos guias é possível apenas para os médiuns. O raminho verde que dona Valdeci usa para benzer, principalmente crianças, também é retirado de seu quintal. A benzedeadora nos relatou que, no início, assim como dona Raimunda, ela gostava de benzer com a Vassourinha, mas pela dificuldade em encontrá-la, ela começou a usar o raminho de boldo (*Verononia condensata*) que cultiva em seu quintal (Figura 8 - a).

FIGURA 8 - Objetos utilizados para benzer**a** – Raminho verde**b** – Espada ou faixa

Fonte: Autora, 2021

Analisando as práticas e formas de manutenção dos saberes de dona Valdeci, podemos observar algumas diferenças. Dentre elas, o fato do benzimento ser realizado dentro do salão perto do altar e o uso da faixa para benzer. Quanto a manutenção do saber tanto das plantas medicinais quanto dos rituais de benzimento, dona Valdeci nos conta que podem ser transmitidos, mas que existem algumas condições para poder aprender os rituais como: seguir a religião e se propor a dar continuidade ao ofício de benzedeira.

CAPÍTULO III

3 QUINTAIS COMO TERRITÓRIO DE CURA

Os quintais são espaços, majoritariamente, mantidos e cuidados por mulheres. Por ser o cuidado uma tarefa que, historicamente, foi associado a responsabilidade feminina, conforme a divisão sexual do trabalho em uma sociedade patriarcal (FEDERICI, 2017). Apesar do trabalho feminino realizado nestes espaços serem desvalorizados e invisibilizados, os quintais garantiram e garantem produção para subsistência e segurança familiar, preservação de diversas espécies, manutenção e compartilhamento dos conhecimentos gerados.

O cultivo em quintais é uma herança cultural, herdada das populações do campo que migraram para a cidade, acabaram ganhando novos significados e novas formas de uso e manejo. Os quintais das benzedeadas desta pesquisa, são extensões do modo de vida que vivenciaram durante a infância e juventude no campo. Neles podemos encontrar não só o cultivo de plantas e a criação de pequenos animais, como também muitos símbolos da religiosidade e práticas do benzimento.

Neste trabalho me proponho a pensar/apresentar os quintais das benzedeadas como território, e para isso compartilho das reflexões deste conceito de acordo com o geógrafo Rogerio Haesbaert (2006), quando defende uma visão de território não só por uma dimensão de relações de poder, mas também por uma dimensão simbólica, no sentido de apropriação.

Nesta perspectiva, pensamos os quintais das benzedeadas, além de um lugar onde foi construída a territorialidade feminina, também como um lugar de cura realizada através dos rituais de benzimento exercidos por estas mulheres. Sendo assim, pensamos os quintais das benzedeadas como territórios de cura. É no quintal que a territorialidade da benzedeadada é exercida através das rezas, as curas e os cuidados com as plantas utilizadas em seus rituais. Quando entramos nestes quintais, percebemos uma representação simbólica, onde estão

registrados além da afetividade, os símbolos e significados que fazem sentido para quem se apropria dele.

Existem muitas relações entre o território e a cultura, mas uma das mais importantes é a de compreender a possibilidade de perceber a cultura de um determinado grupo através do seu território. É nele que estão traduzidos os elementos culturais de cada grupo. De acordo com o teórico Clifford Geertz (2008), que compreende a cultura a partir de uma visão semiótica, ou seja, uma visão conectada ao sentido e a construção de significados, cultura é o resultado das relações entre os indivíduos, que produzem sentidos e significados para suas ações. Assim também compreendemos a cultura do benzimento. Neste sentido, quando adentramos os quintais das benzedeadas, o território do benzimento, podemos perceber que ele é cercado de elementos simbólicos da cultura do benzimento.

A presença de uma variedade de espécies de plantas medicinais nos territórios do benzimento é o que se destaca como o diferencial dos outros quintais de cultivo, evidenciando este território como um território de cuidado e cura. Quando caminhamos por estes quintais, além de conhecimentos compartilhados como, por exemplo, as formas de coleta das ervas (o melhor horário, Lua e época de colheita), preparo e indicações, somos levados a uma experiência que desperta todos os sentidos, o visual, ao observar cada detalhe e diferenças entre uma erva e outra e a beleza da variação das cores; o tato, sentindo as diversas texturas; o olfato, que guarda a memória desses encontros e dos aromas das ervas medicinais e das flores e; o paladar, experimentando o sabor de algumas folhas recomendadas pelo caminho.

A seguir, vamos conhecer a casa e os quintais das benzedeadas Raimunda e Valdeci, destacando as plantas medicinais encontradas nestes territórios e as utilizadas nos rituais de benzimento. Conforme já exposto, devido ao falecimento de dona Raimunda nos primeiros meses da pesquisa, não foi possível coletar as formas de uso e indicações de cada planta por ela. Porém, consta o registro das ervas encontradas em seu quintal cultivadas com muito cuidado e carinho. Já com dona Valdeci realizamos o registro das ervas, as indicações de uso e algumas formas de preparo.

3.1 Conhecendo o território de cura de dona Raimunda

Após a entrevista na casa da Margarida, filha de dona Raimunda, seguimos com a benzedeira até a sua residência. Logo na entrada, ao adentrar em seu quintal foi possível perceber a diversidade de plantas que havia ali. Do portão, seguimos um caminho estreito entre as plantas que seguiam dos lados direito e esquerdo até a entrada da casa. A casa fica ao lado esquerdo de quem entra pelo portão. Primeiro, dona Raimunda fez questão de nos mostrar o seu altar que ficava exposto no primeiro cômodo, na sala, depois seguimos para conhecer o seu quintal.

FIGURA 9 - Casa da benzedeira Raimunda



Fonte: Autora, fevereiro de 2020.

O altar é um dos símbolos mais importante do benzimento, nele percebemos algumas práticas de dona Raimunda, como amarrar fitinhas de cetim para decorar as imagens os santos como forma de agradecimento pelo pedido alcançado. O altar foi montado em um dos compartimentos do armário de cozinha. Assim que abriu a porta de vidro para mostrar o altar, deu um beijo na imagem do seu santo de devoção, São Lázaro, que ficava bem na frente do altar e fez o sinal da cruz. De acordo com Margarida, filha da benzedeira, desde que dona Raimunda fez uma promessa para um de seus filhos, o Luíz Gonzaga, todos os anos, no dia 11 de fevereiro, a mãe organizava a reza do terço de São Lázaro em sua casa e preparava um

almoço para servir para os participantes da reza e para 7 cachorros. O terço e o almoço eram organizados com a ajuda e doações dos vizinhos. Margarida relata que sempre saia pela vizinhança segurando a imagem de São Lázaro para pedir doações para realizar o terço e o almoço para o santo, muitos ajudavam com alimentos, mas outros não. Certa vez, ouviu um vizinho dizer “E santo lá come!”

FIGURA 10- Imagem de São Lázaro



Fonte: Autora, 2021

No altar também encontramos outras imagens como a de Nossa Senhora Aparecida, Jesus crucificado, Nossa Senhora de Fátima e anjos da guarda (ver figura 10). O espaço reservado para o altar compartilhado com os outros utensílios da casa, apresenta muitos significados, um deles é a alternativa encontrada para conseguir dar conta da dupla jornada de trabalho que muitas mulheres são submetidas, no caso da benzedeira, uma forma de conseguir conciliar o ofício de benzer aos cuidados com a casa e com os filhos.

FIGURA 11- Altar da casa de D. Raimunda.

Fonte: Autora, fevereiro 2020

Dona Raimunda tinha o costume de fazer suas orações às 18 horas todos os dias. Era o momento de retribuir aos santos e a Deus a ajuda pelos benzimentos e pelo dom recebido. Ela nos contou também sobre outras obrigações que precisava cumprir, como por exemplo, não poder tomar banho nem varrer a casa as sextas-feiras. As formas de retribuir ao sagrado o dom recebido também varia de benzedeira para benzedeira, mas ter um horário do dia reservado para fazer suas orações de devoção, é uma forma predominante de retribuição.

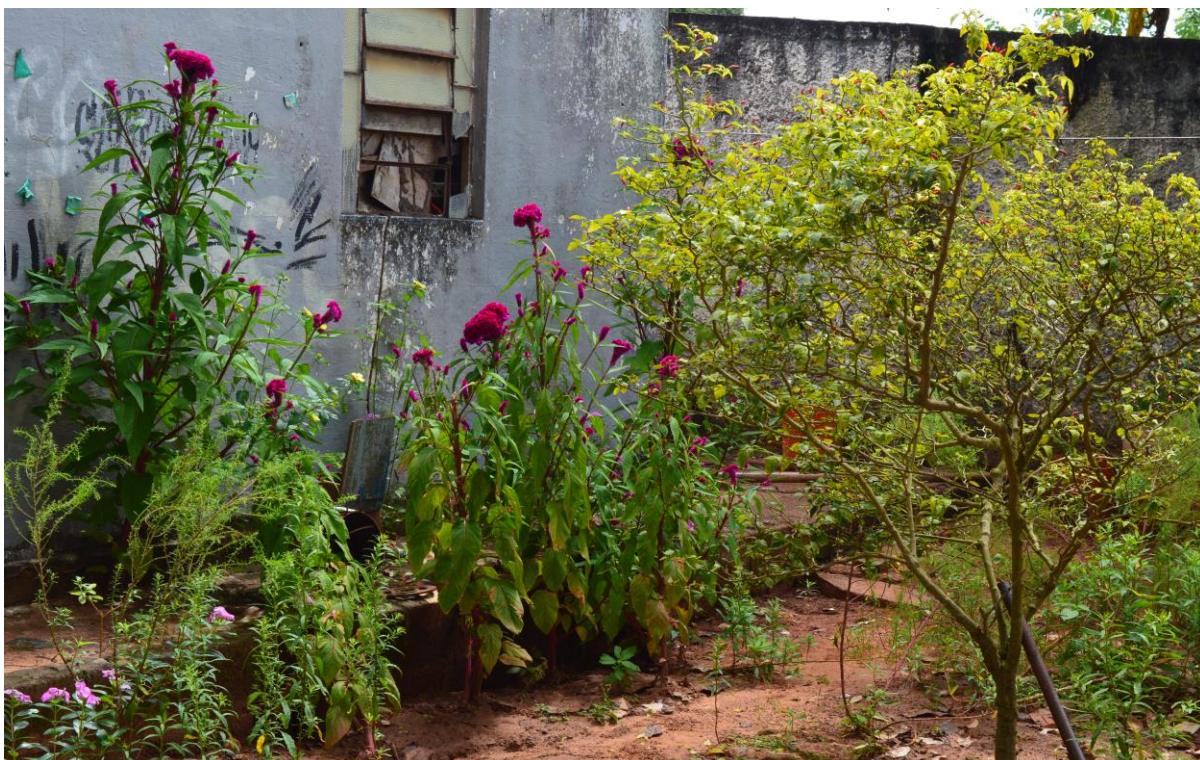
D. Raimunda fazia questão que os benzimentos fossem realizados em sua própria casa, no seu próprio quintal, mas abria exceção nos casos em que o consulente não podia se locomover ou quando morava muito distante (em outro estado ou país, por exemplo), nestes casos o atendimento era realizado pelo telefone. A exigência dos benzimentos serem realizados em seu quintal, era em virtude da sua preferência em utilizar o raminho de suas próprias plantas. O quintal como lugar sagrado e as plantas, testemunhas de seus benzimentos.

FIGURA 12 - Quintal de dona Raimunda



Fonte: Autora, fevereiro 2020.

FIGURA 13- Lateral direita do quintal



Fonte: Autora, fevereiro 2020.

FIGURA 14- Presença de animais no quintal



Fonte: Autora, fevereiro 2020.

FIGURA 15- Parte dos fundos do quintal



Fonte: Autora, fevereiro 2020.

FIGURA 16- Alimento para aves



Fonte: Autora, fevereiro 2020.

FIGURA 17- Antigo estádio de futebol "Gauchão"



Fonte: Autora, fevereiro 2020.

Além do cultivo de plantas medicinais, frutíferas, ornamentais, cerimoniais e hortaliças, a criação de galinhas no quintal também era uma prática de dona Raimunda. Mesmo residindo em área urbana, a benzedeira Raimunda mantinha em seu quintal práticas herdadas da cultura do campo, práticas que foi sendo adaptada ao modo de vida urbano. A diversidade de plantas medicinais encontradas no quintal de Dona Raimunda é bem significativa, apesar de não produzir remédios para os consulentes, ela cultivava muitas plantas medicinais para uso próprio ou para quem precisasse. Abaixo, elaboramos um quadro com a relação das plantas medicinais encontradas em seu quintal.

Quadro 2 - Plantas medicinais do quintal de dona Raimunda

Conhecida como:	Nome científico:
Alfavacão	<i>Ocimum gratissimum</i>
Algodão	<i>Gossypium</i>
Babosa	<i>Aloe vera</i>

Boldo	<i>Plectranthus grandis</i>
Cana-de-macaco	<i>Costus</i>
Capim-limão	<i>Cymbopogon citratus</i>
Erva-purgante/ Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i>
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>
Noni	<i>Morinda citrifolia</i>
Pau-ferro	<i>Libidibia férrea</i>
Taioba	<i>Xanthossoma sagittifolium</i>
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i>
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i>

Fonte: Autora, 2020.

Enquanto caminhávamos pelo quintal, dona Raimunda foi realizar um benzimento, com isso, não pode compartilhar seus saberes sobre as plantas que cultivava, ficando esse processo para o próximo encontro, no entanto, este novo encontro não foi possível devido ao seu falecimento. O local reservado para benzer era uma cadeira posicionada embaixo da árvore Pau-ferro, que ficava no centro do quintal e a qual tirava o raminho para realizar o benzimento. O ritual de cura era realizado ao ar livre e as plantas eram suas principais testemunhas. Prática muito parecida com os rituais de cura dos Pajés e Xamãs.

A presença do algodoeiro no quintal, além do seu uso como anti-inflamatório, mostra como a herança do modo de vida do campo que vivenciou na juventude, tecendo e fiando, também migrou junto com dona Raimunda. Uma forma que ela encontrou de manter a memória de suas origens, apesar das mudanças que passou pela vida, encontrando alternativas de manter alguns costumes rurais mesmo em áreas urbanas.

3.2 Conhecendo o território de cura de dona Valdeci

Quando cheguei à residência de dona Valdeci para a entrevista, pude observar logo na entrada, a loja de artigos religiosos de dona Valdeci chamada Cabana Rompe Mato que fica à esquerda de quem entra pelo portão, já a casa fica do lado direito. Entre as duas construções passamos por um longo corredor por onde entramos. Caminhando pelo corredor, até chegar à varanda reparei, ao lado esquerdo, depois da loja, um jardim com muitas plantas e um pequeno lago construído em homenagem a Iemanjá. Já no fim do corredor, pude ver a Tenda Santa Joana D'Arc.

FIGURA 18 - Casa da benzedeira Valdeci



Fonte: Autora, 2021

Dona Valdeci costuma realizar os benzimentos dentro da Tenda de frente para o altar (figura 19), sendo este o local principal do benzimento, mas, caso não seja possível, ela afirma que o benzimento pode ser realizado em qualquer outro local. Assim como dona Raimunda, Valdeci também concede benzimentos por telefone, principalmente nos casos dos

consulentes que moram em estados ou países mais distante. Durante a entrevista, ela relatou, toda satisfeita, sobre um benzimento realizado pelo telefone com um consulente que estava nos Estados Unidos.

A preferência pelos benzimentos serem realizados dentro da tenda e de frente para o altar, nos mostra, assim como no caso de dona Raimunda, a importância do quintal como território do benzimento para dona Valdeci, uma vez que a Tenda foi construída em seu próprio quintal, muitas plantas medicinais utilizadas por ela, também são cultivadas no local.

FIGURA 19- Altar da Tenda Santa Joana D’Arc



Fonte: Autora, 2021

No interior do quintal encontramos muitos símbolos e significados do seu território de cura, considerado sagrado. O Lago construído em homenagem a Iemanjá, o cruzeiro com velas acesas próximo a entrada da Tenda, as plantas e a própria construção da Tenda são de grande importância para compreender o que estamos chamando de território do benzimento (figuras 20 a 26). Além do território de cura, também se tornam território de r-

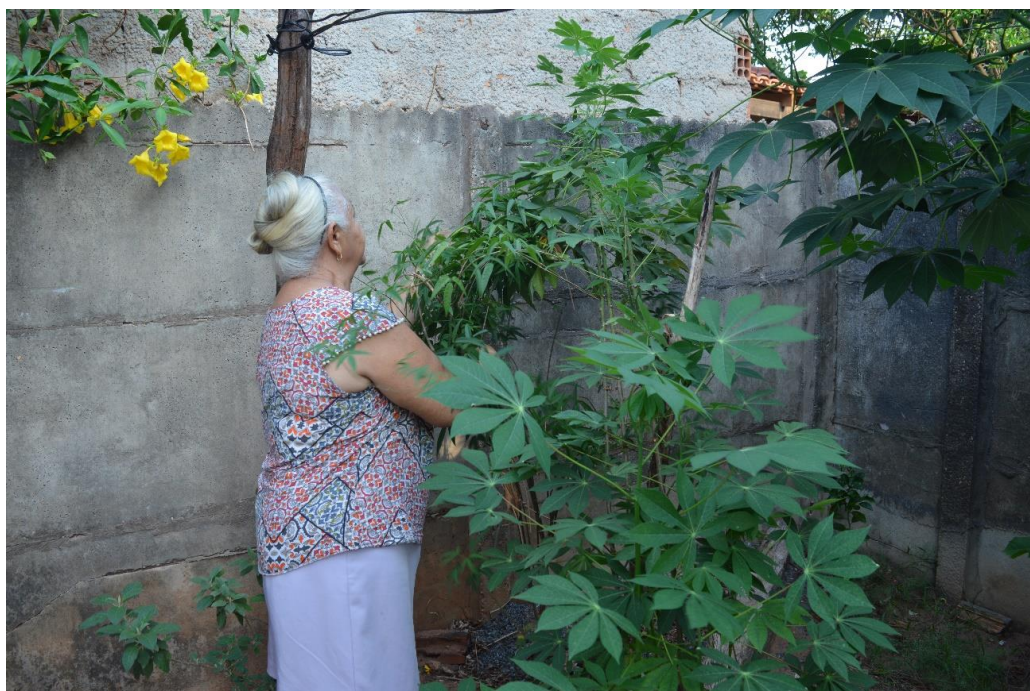
existência contra o saber hegemônico da medicina oficial e contra a lógica capitalista, de mercantilização da cura.

FIGURA 20 - Lago de Iemanjá



Fonte: Sariza Venâncio, 2013

FIGURA 21- Dona Valdeci mostrando algumas plantas do quintal



Fonte: Autora, 2021

FIGURA 22- Parte lateral do quintal onde estão concentradas a maioria das plantas medicinais



Fonte: Autora, 2021

FIGURA 23- Dona Valdeci explicando os benefícios da arruda



Fonte: Autora, 2021

FIGURA 24 - Quintal de dona Valdeci



Fonte: Autora, 2021

FIGURAS 25 e 26- Tenda e Cruzeiro



Fonte: Autora, 2021

Encontramos uma variedade de plantas também no quintal de dona Valdeci. Entre as plantas utilizadas nos rituais de benzimento, podemos destacar o boldo que tem como principal forma de uso, os ramos para benzer as crianças. Algumas ervas também são indicadas para banhos, formas de complementos dos rituais de benzimento realizados por dona Valdeci, a saber, alfavacão, arruda, erva-cidreira, jardineira, pau-de-angola e pau-d'alho. Abaixo, segue o quadro 3 com as plantas medicinais encontradas no quintal de dona Valdeci.

Quadro 3 - Plantas medicinais do quintal de dona Valdeci



Conhecida como:	Nome científico:
Alfavacão	<i>Ocimum gratissimum</i>
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>
Ata	<i>Annona squamosa</i>
Babosa	<i>Aloe vera</i>
Boldo (baiano)	<i>Verononia condensata</i>
Cana-de-macaco	<i>Costus</i>




Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
Elixir de paregórico	<i>Ocimum seloi Benth</i>
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i>
Folha Santa	<i>Kalanchoe pinnata</i>
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>
Hortelã	<i>Mentha spicata</i>
Insulina	<i>Cissus sicyoides</i>
Jardineira	<i>Alpinia zerumbet</i>
Malva-do-reino	<i>Plectranthus amboinicus</i>
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>
Ora-pró-nobes	<i>Pereskia aculeata</i>
Pariri	<i>Arrabidaea chica</i>
Pau-d'algo	<i>Gallesia integrifolia</i>
Pau-de-angola	<i>Vitex agnus-castus</i>
Pinhão-branco	<i>Jatropha curcas</i>
Quebra- pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>
Sete-dores	<i>Plectranthus barbatus</i>
Taioba	<i>Xanthossoma sagittifolium</i>
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>
Tipi	<i>Petiveria alliacea</i>
Velame	<i>Croton heliotropiifolius</i>
Vinagreira	<i>Hibiscus sabdariffa</i>






Já as plantas medicinais utilizadas como remédios, podemos destacar algumas que são utilizadas para três ou mais enfermidades, são elas: alfavacão, erva-cidreira, jardineira, malva-do-reino e sete-dores. Durante a caminhada pelo quintal, dona Valdeci foi explicando a indicação e forma de uso de cada uma delas. Este momento de trocas de saberes configurou o que, Ramos (2019) chamou de encontro epistemológico. Segundo o autor, todos os sujeitos que envolvem a pesquisa, pesquisador e interlocutores, possuem um conhecimento e o encontro e as relações entre estes sujeitos também são capazes de produzir o saber.





De acordo com dona Valdeci, as principais indicações das ervas são para banhos, gripes, cólicas (menstruais, de bebê e de rins), e problemas de estômago. A seguir segue as indicações e formas de uso das plantas medicinais conforme os saberes compartilhados por dona Valdeci.






Quadro 4- Saberes de dona Valdeci

Plantas medicinais	Indicação	Saberes de dona Valdeci
	Alfavacão Para dor no estômago e cólica.	<i>Bate a folha dele com o gervão. As flores dele serve pra gente fazer melado pra gripe, principalmente pra criança. O banho também é muito bom pra criança e gente adulta também, o banho.</i>
	Arruda Para banhos e para cólica menstrual.	<i>Quando a mulher tá parida com muita cólica a gente faz o sumo e dá. A arruda a gente não cozinha, porque se cozinhar, ela morre. Então você só faz é tirar o sumo pra dar quando tá com cólica menstrual. Toma o sumo dela também pra todo tipo de cólica. Bota no ouvido também, porque é bom pra dor de ouvido. Pra fazer banho pra afastar obsessão, afastar coisa negativa também.</i>

	Babosa	Para limpar o catarro do peito e para problemas de próstata.	<p><i>Se a pessoa tiver com início de próstata pode comer a folha, tira a capa e pega só aquele mole de dentro, botar na geladeira e todo dia engolir dois pedaços, desinfeciona e desinflama, fica bonzinho. Eu passei pra uma pessoa, um homem, e o homem tá véio e nunca operou. Tava com cirurgia marcada. Ela tira catarro do peito também, limpa o pulmão das pessoas se tiver com algum pulmão sujo. Essas pessoas que fumam muito, para de fumar e ficam com o pulmão cheio, é pra isso aí, pode engolir os pedaços dela.</i></p>
	Cana-de-macaco	para pedra nos rins.	<p><i>O povo chama de cana-de-macaco ou caninha-do-brejo. Essa daqui olha, a haste dela bem aqui, você corta miudinha, machuca, pega água bota dentro pra tomar pra botar as pedra de rins pra fora, pode tá com maior cólica de rins, você toma ela, é rápido, você faz xixi, até as folhas dela é boa, mas geralmente usa o caule.</i></p>
	Capim-santo	para baixar a pressão.	<p><i>O chá dele, tanto da raiz quanto da folha, o chá dele serve pra baixar pressão, pra comer com pão, a raiz dele é bom pra derrame.</i></p>
	Elixir de paregórico	para cólica de criança.	<p><i>Quando a criança tá com dor de barriga, faz o chazinho e dá com doce pra ela, pra criança isso é ótimo. A mulher também tá com muita cólica menstrual ou cólica de alguma coisa, pode fazer o chá e tomar que também fica bom. É bom pra isso aí também.</i></p>

	Erva-cidreira	para baixar a pressão, para baixar febre e para infecção de útero, ovário, trompa. Pode ser utilizada para banho também.	<i>O chá que é bom.</i>
	Folha-santa	para coração e para os olhos.	<i>Tirar a neve das vistas. Murchar e colocar a aguinha dela na vista. E pro coração a gente tira umas folhas dela, lava bem lavadinha, coloca dentro da panela, coloca 1 copo americano de água em cima e tampa e bota pra ferver, passa 5 minutinhos, você vira ela ferve mas dois minutinhos e tira pra esfriar, depois você pega e espreme, aquela água que sair você pode tomar que é bom pro coração. O coração pode tá grande dentro do peito de um ser humano, mas se você tomar 6 meses sem parar ele vai pro lugar, fica certinho.</i>
	Gervão	antibiótico.	<i>Serve para machucadura. Quando a pessoa cai e se arrebenta, faz o sumo dele e toma junto com matruz.</i>
	Hortelã	para verme, para baixar pressão.	<i>Serve até pra comer com pão, é tempero, é pra tudo!</i>
	Insulina	para diabético.	<i>Tanto o sumo quanto o chá é bom pra diabetes. Ela tira o açúcar do sangue e da urina.</i>

	Jardineira	para baixar pressão, nervosismo.	<p><i>Esse aqui o paraense chama “vim-de-cá”, mas nós chamamos de jardineira, ela dá uns cachos desse tamanho que nós coloca no banho. Às vezes uma pessoa morre numa casa e tá o povo tudo chorando, daquele jeito, aí faz o chá da folha dela e o povo tudo acalma. Ele é muito bom pra acalmar, e é bom pro coração. A pessoa tá com muita avexame no coração, aí faz o chá e toma, e faz o banho tanto assim, como fervido, pra proteção, descarrego, tudo ele é bom.</i></p>
	Malva-do-reino	para gripe e para os olhos.	<p><i>Ela serve pra fazer melado pra gripe, catarro no peito, serve pra murchar ela e colocar nos olhos pra tirar a neve dos olhos, pasta dos olhos. Serve às vezes que os olhos tá vermelho, aí coloca ela também. É... serve pra infecção uterina, inflamação, todo tipo de infecção.</i></p>
	Mastruz	para machucadura, verme e pneumonia.	<p><i>Nos livros fala erva santamaria. A pessoa tá machucada toma o sumo com um pedacinho de carvão é bom. É bom pra verme. O sumo também é bom pra pneumonia. Faz o sumo dela com sumo da malva-do-reino, o gervão e a taioba, você pode pisar pra tirar o sumo todinho e toma com meracilina, cura toda espécie de pneumonia. Pode ser de terceiro grau que é a tuberculose, ela cura.</i></p>
	Ora-pró-nobes	para infecção no estômago e é fonte de vitaminas.	<p><i>Essa aqui a gente come na salada, mastiga, faz chá se quiser, come como verdura. Ela é vitamina, serve pra infecção de estômago. Ela é pra todo tipo de problema que tiver no corpo da gente. Diz que até pra pele ela é boa.</i></p>

	Pariri	para rins e câncer.	<p><i>Esse aqui é o pariri. Faz o chá com quebra-pedra pra cólicas de rins, serve pra botar as pedras de rins pra fora, pra câncer, a pessoa que tá fazendo tratamento de câncer pode botar as folhas dele dentro do vinho pra tomar ou pode fazer o chá de infusão também.</i></p>
	Pau-de-angola	contra bruxaria.	<p><i>Essa aqui é o pau-de-angola, o sumo de pau-de-angola é contra bruxaria. Você beber, qualquer problema de bruxaria bota pra fora. E fazer banho, banho de cabeça, pra descarregar o corpo. Ele é muito cheiroso! Dá umas florezinhas, a gente macera ele pra fazer aquele banho pra botar na cabeça pra tomar no corpo.</i></p>
	Pinhão branco	para todo tipo de ferimento e inflamação uterina.	<p><i>Você tira o leite dele faz a espuminha assim pra colocar em cima do ferimento que no outro dia amanhece enxutinho, sarado. E pra toda espécie de inflamação uterina, coceira na vagina. Você tira uma colher dele e bota dentro de 1 litro de vinho e dá pra pessoa tomar todo dia, com três garrafadas ele não tem mais corrimento, um calicezinho todo dia.</i></p>
	Quebra-pedra	para pedra nos rins.	<p><i>Essas folhinhas miudinhas aqui é o quebra-pedra, o chá delas serve pra quebrar as pedras dos rins todinha. Usa tudo, só faz lavar e botar pra cozinhar.</i></p>
	Sete-dores	para dor de estômago.	<p><i>Serve pra todos os tipos de dores... dor de estômago, pra fígado. Ela é pra rins também. Ela, a gente tanto ferve quanto tira o sumo, machuca e tira o sumo.</i></p>

	Taioba	para tuberculose.	<i>A batata da taioba você come, com carne, qualquer coisa. E a folha a gente tira a banda dela ou ¼ dela e machuca junto com gervão e mastruz e tira um pouquinho do sumo e dá com ¼ da meracilina pra criança, cura a tuberculose, pode ser do terceiro grau. Eu já tratei de gente.</i>
	Tamarindo	para tratamento de hemorroidas.	<i>A folha dela com a folha da sena, se você cozinhar uma porção de folha desse com uma porção de folha de sena e tomar todo mês na lua nova, você melhora de tudo quanto é de hemorroida. Ela é pra hemorroida. É feito o chá com sena. A sena a gente compra as folhinhas na farmácia.</i>
	Tipi	antibiótico.	<i>Pra tirar o sumo é ótimo pra dor de garganta, pra gripe e pra tosse.</i>
	Velame	para gripe e para derrame.	<i>Fazer o chá dela pra derrame. Fazer o cozimento das folhas dela pra dar pra criança que tá muito gripada, tá com febre, também é bom.</i>
	Vinagreira	para emagrecer.	<i>As frutas, faz o chá, bota de molho e serve pra emagrecer.</i>

Fonte: Autora, 2021

Como podemos observar, os territórios de benzimentos são locais que preservam, além da diversidade de plantas medicinais, muitos conhecimentos tradicionais. A quantidade de espécie de plantas que são cuidadas e que cuidam, neste território, são variadas e acessíveis a quem precisar. Tanto dona Raimunda quanto dona Valdeci, costumam doar as mudas para replantio ou para produção de algum remédio para que estiver necessitando. Sendo assim, analisamos também esta prática a partir da perspectiva dos comuns.

Considerando as primeiras ideias sobre comuns, onde o termo era relacionado com os recursos que poderiam ser utilizados coletivamente por camponeses da mesma comunidade, podemos pensar o uso coletivo das plantas medicinais dos territórios de benzimento como um recurso comum, já que as benzedadeiras disponibilizam estas plantas para qualquer pessoa da comunidade que necessitar o seu uso.

Outro ponto analisado é o papel que as benzedadeiras possuem de manter viva estas espécies de plantas em seus quintais, uma vez que, devido aos processos de privatização, “cercamentos de terras”, a quantidade de áreas livres para a coleta destas plantas nativas diminuiu bastante, ficando cada vez mais difícil de encontrá-las. A vassourinha, por exemplo, foi um caso relatado pelas duas benzedadeiras de uma espécie que, atualmente, elas têm dificuldade de encontrar. Daí a importância destas mulheres em preservar estas espécies medicinais articuladas a seu sistema de crença e práticas e à sua identidade cultural.

As plantas possuem uma relação direta com o ritual do benzimento, além de serem testemunhas da cura realizada, seus ramos são utilizados para o ritual de benzer ou elas também podem ser usadas como remédio para determinadas doenças. Segundo as benzedadeiras, quando a pessoa está carregada de algum mal, este é todo direcionado para a planta na hora do benzimento, por esse motivo o ramo murcha. Elas afirmam também que o uso das plantas serve para protegê-las, pois, caso não utilizem uma planta ou um ramo, o mal que acometeu o consultante pode passar para elas.

Essa relação entre plantas e benzimento que ocorrem nos quintais das benzedadeiras nos permite entender como essas mulheres se apropriam desse espaço e o transforma em territórios de cura. É nos quintais que estão presentes os elementos que permitem a transmissão cultural das práticas do benzimento e, indiretamente, é nele que ocorre a preservação da diversidade ambiental em espaços urbanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, me aproximei das histórias de vida de duas mulheres benzedadeiras, a Dona Raimunda e a Dona Valdeci, e através destas histórias buscamos

compreender como as práticas e saberes do benzimento se mantiveram até os dias de hoje neste recorte espacial, que é a área urbana do município de Araguaína-TO.

Durante o processo de pesquisa bibliográfica e da análise das narrativas das interlocutoras, constatamos que, mesmo a cidade de Araguaína sendo considerada um polo da medicina das regiões do entorno, e que a acessibilidade a médico e medicamentos tenha melhorado muito com o tempo, muitas pessoas ainda buscam por formas de cura alternativas. A prática do benzimento é um meio de cura ainda muito procurado pela população para o tratamento de doenças causadas por motivos espirituais.

Diante das narrativas de Dona Raimunda e Dona Valdeci buscamos compreender o processo de aprendizagem deste saber de cura, tanto sobre a prática do benzimento quanto sobre os quintais de plantas medicinais. Neste sentido, percebemos o saber de cura visto como um dom pelas benzedeadas. E que a aprendizagem deste saber pode ocorrer de duas formas, a geracional, que é passada através da oralidade de geração em geração e a mística, que é transmitida por guias espirituais. Dona Raimunda e Dona Valdeci contaram sobre o processo de aprendizagem pelo qual passaram e ambas aprenderam através dos guias espirituais e por benzedeadas mais antigas.

A presença das benzedeadas na área urbana de Araguaína nos mostrou as variadas formas de r-existir dessas mulheres. R-existem mantendo vivos suas práticas e saberes de forma gratuita dentro do sistema capitalista que só visa o lucro, também r-existem a pressão da medicina hegemônica em desvalorizar essas práticas e esses saberes e a intolerância religiosa muito presente nas áreas urbanas.

É neste contexto que pensamos a r-existência do benzimento e dessas duas mulheres. Quando perguntadas sobre a preocupação da manutenção da prática com o tempo, Dona Raimunda e Dona Valdeci não demonstraram preocupação, afirmando que sempre existiram pessoas com o dom da cura que buscarão aprender sobre os saberes e a prática do benzimento. Mesmo com o avanço da medicina e das tecnologias do mundo atual, nossas interlocutoras continuam r-existindo em seus quintais.

Falando sobre os quintais, durante as visitas que realizei a Dana Raimunda e Dona Valdeci, consegui registrar imagens dos seus quintais, destacando as plantas usadas nos rituais do benzimento e das plantas medicinais usadas para o tratamento de doenças. Além disso, a partir dos estudos de território dos autores utilizados na pesquisa, foi possível pensar os quintais das benzedeadas como território de cura, considerando não só suas relações de poder,

mas também as relações afetivas e de apropriação deste território. Também olhamos cuidadosamente os símbolos, sentidos e significados da cultura do benzimento presente nestes territórios.

O ponto mais desafiador deste trabalho foi buscar relações das práticas do benzimento com as discussões sobre os comuns. Porém, identificamos algumas ideias bases que são utilizadas nestes estudos como alternativas a sociedade capitalista. Neste sentido apontamos que as relações estão presentes nas ideias da economia da reciprocidade, no uso coletivo das plantas medicinais, e da não mercantilização nas práticas do benzimento.

Esta pesquisa, além de registrar as memórias destas mulheres, proporcionou uma descoberta pessoal importante durante o percurso. Em uma conversa informal, na tentativa de explicar para meus pais o trabalho que estava realizando com as benzedeadas, meu pai sentiu-se confortável para resgatar na memória histórias que nunca havia contado de sua infância. E uma delas, era sobre sua infância no quintal da sua avó que também era benzedeadas. Ele ainda lembrava de alguns rituais de cura realizados pela minha bisavó Esmeralda. Foi uma grande surpresa saber que na história da minha família existiu uma mulher de “reza boa” com tantos saberes.

Por fim, além dos objetivos que este trabalho se propôs a fazer, acrescento aqui que esta dissertação também é um agradecimento a toda troca e aprendizado que obtive com as interlocutoras, Dona Raimunda e Dona Valdeci. E uma forma de que a história da Dona Raimunda (in memoriam) possa ser conhecida não só por mim, mas por muitos outros, como ela desejava.

Dona Raimunda, Presente!

FONTES ORAIS

Benedeira Raimunda, 92 anos.

Entrevista I, realizada em 21 de fevereiro de 2020.

Benedeira Valdeci, 70 anos.

Entrevista I, 31 de outubro de 2020.

Entrevista II, 23 de setembro de 2021.

Entrevista III, 28 de outubro de 2021.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGÊNCIA SENADO. Perseguição policial até os anos 1960. Senado notícias, 2013. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade/perseguiacao-policial-ate-os-anos-1960>> . Acesso em: fevereiro 2022.

ALCOFF, L. **Uma epistemologia para a próxima revolução**. Sociedade e Estado. Brasília, n. 1, v. 31, jan. /abr., 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/bKi4Pu>>. Acesso em: março. 2020.

ALMEIDA, C. G. **Trajetórias Socioespaciais de Pais de Santo em Araguaína-TO (1970-2019)**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2020.

ANTERO, R. **Urbanização pela migração em Araguaína (TO)**. Caminhos de Geografia Uberlândia v. 17, n. 59, p. 228–243, Set/2016.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CAETANO, S. O., REIS, V. P. **Lá vem ela, Joana d'Arc. E já tava guerreando**. Conceição da Feira: andarilha edições, 2020.

CARVALHO, J de. **Paisagens Simbólicas: Catolicismo Popular e o Mito das “Bandeiras Verdes” na Romaria do Senhor do Bonfim em Araguacema, Tocantins**. Revista Geografares, nº16, p.141-167, janeiro-Junho, 2014 ISSN 2175 -3709

CERICATTO, S. K., SANTOS, J. S., OSÓRIO, N. B., SILVA, L. S. **Memórias e Saberes das Benzedoiras de Palmas e Porto Nacional/TO**. Revista Humanidades e Inovação v.6, n. 2 – 2019

CONCEIÇÃO, E. C. de L.; BRITO, E. P. **História, Mito, Território: No Itinerário da Formação de Muricilândia-To**. XIX Encontro Nacional de Geógrafos. Pensar e fazer a Geografia Brasileira no Século XXI: Escalas, Conflitos Socioespaciais e Crise Estrutural na Nova Geopolítica Mundial. João Pessoa – Paraíba, Julho/2018.

CUNHA, L. A. da. **Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedadeiras**. 2017. 203f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CUNHA, M. C. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Revista USP, São Paulo, n.75, p. 76-84, set/nov 2007.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. Tradução: Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FEDERICI, S. **Mulheres e caças às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, C. W. P. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **En: De los saberes de la emancipación y de la dominación**. Buenos Aires, CLACSO, 2008.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2006

HESS, C; OSTROM, E. Introduction: An Overview of the Knowledge as Commons. **In HESS, Charlotte; OSTROM, Elinor. Understanding Knowledge as Commons**. From Theory to Practice. Cambridge. Massachusetts. The MIT Press. 2007. P. 3-26

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - HISTÓRICO -
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/historico>

LEWITZKI, T. **A vida das benzedadeiras: caminhos e movimentos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a Dádiva**. São Paulo: EDUSP, 1984

OLIVEIRA, E. R. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas**. 1983. 2v. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP QUINTANA, Alberto Manuel. A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

POLANYI, K. A grande transformação. Edições 70, Lisboa, Portugal, 2012.

PRIORE, M. D. Magia e Medicina na Colônia: O Corpo Feminino. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, D. V. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, v. 22, n. 1, p. 359-372, jan./jun. 2019.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, J. C. **Estado do Tocantins: Política e Religião na construção do espaço de representação tocaninense**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista: Presidente Prudente, 2008.

SILVA, F. A. C. da. **Religiosidade popular: a festa do Divino Espírito Santo em Araguaína, Tocantins**. *Temporis (ação)*, v. 13, n. 1, p. 134-150, jan. /jun. 2013

SILVA, R. B. **Conflitos Religiosos no Antigo Extremo Norte Goiano Atual Norte Tocantinense na Década de 1950: Os Missionários Católicos Orionitas Versus Protestantes Batistas, Assembleianos e “Superstições”**. *História Unicap*, v. 5, n. 9, jan. /jun. De 2018

SILVEIRA, M. C. B. **Herdeiros de Sísifo: Trabalho e trabalhadores do norte do antigo Goiás (1960-1975)**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SOUSA, M. G. A. S. **Vozes benditas: histórias de vida de benzedeadas e benzedores no Povoado Vale Verde**. 2018. 57 f. Monografia (Graduação) - Curso de Educação Educação do Campo, UFT, Tocantinópolis, 2018

SOUSA, L. M. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

VENÂNCIO, S. O. C. **Encantados na Umbanda no norte do Tocantins**. 2019. 1 recurso online (251 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

VENÂNCIO, S. O. C. **Tenda Espírita Umbandista Santa Joana d'Arc: a Umbanda em Araguaína.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

VILLACORTA, G. M. Retomando uma questão epistemológica e não moral: os imponderáveis da vida real. **Iuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p. 11-32, jan./ago. 2015.

PORTELLI, A. – **Forma e significação na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade.** Projeto história, São Paulo, n. 14, p. 7-24, 1997.

TEIXEIRA, L. F. C. A formação de Palmas. **Dossiê Cidades Planejadas na Hinterlândia.** Revista UFG, nº 6, junho 2009.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado.** Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

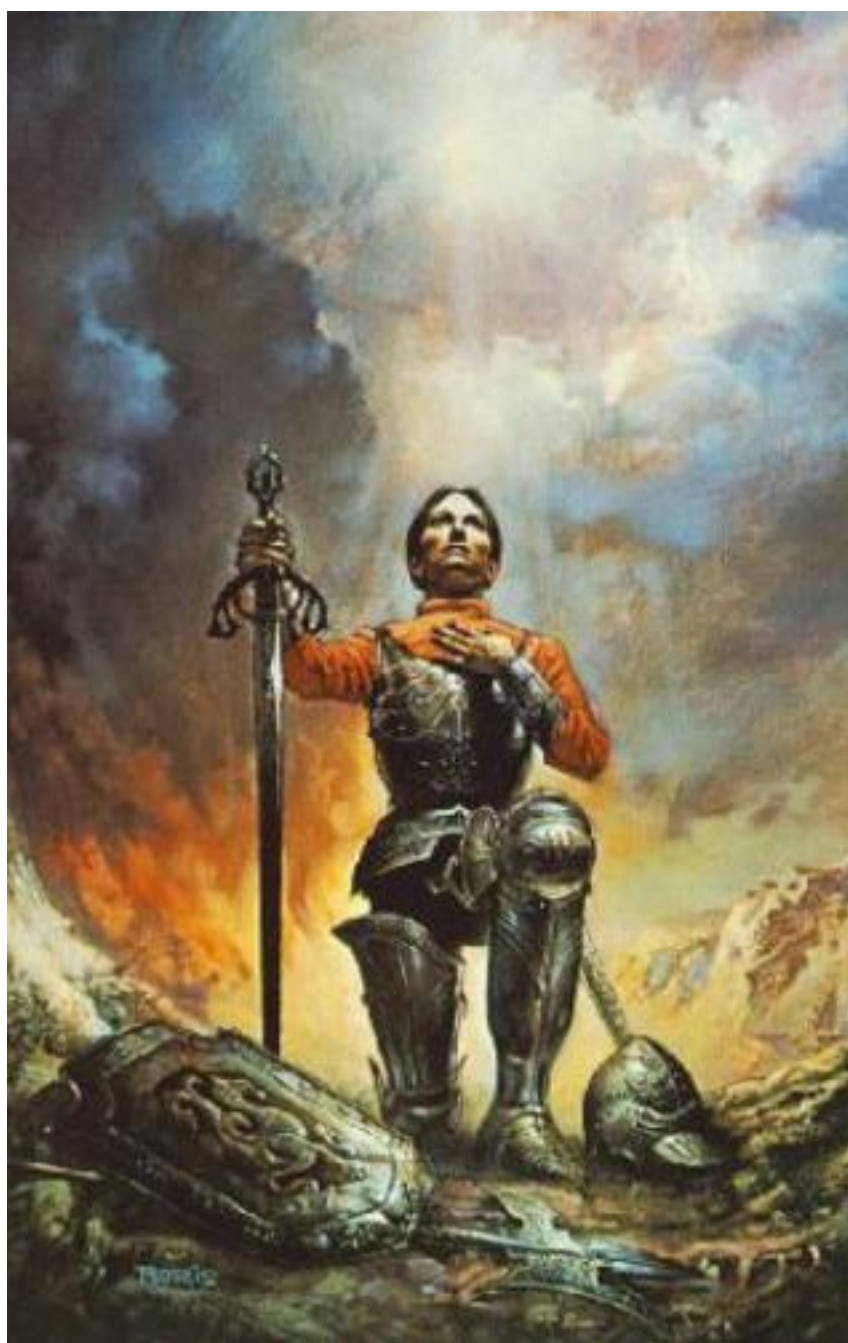
ANEXOS

Anexo 1- Rezas da Tenda Espírita Santa Joana d'Arc

(Material da Tenda, elaborado por Sariza Oliveira Caetano Venâncio)

Tenda Espírita Umbandista

Santa Joana D'Arc



PAI NOSSO

Pai Nosso que estais nos Céus, santificado seja o Vosso Nome. Venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. Amém.

AVE MARIA

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres, bendito é o fruto em Vosso ventre, que nasceu Jesus. Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós os pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

SALVE RAINHA

Salve, Rainha, Mãe misericordiosa, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós brandamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eis a pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogais por nós Santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

PRECE DE CÁRITAS

Deus nosso Pai, que Sois todo poder e bondade, dai força àqueles que passam pela provação, dai luz àqueles que procuram a verdade, e ponde no coração do homem a compaixão e a caridade. Deus, dai ao viajante a estrela Guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito, a verdade, à criança o guia, ao órfão, o pai. Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criaste. Piedade, Senhor, para aqueles que não Vos conhecem, e esperança para aqueles que sofrem. Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores, derramarem por toda à parte a paz, a esperança e a fé. Deus, um raio, uma faísca do Vosso divino amor pode abrasar a Terra, deixai-nos beber na fonte dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lagrimas secarão, todas as dores acalmar-se-ão. Um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de

amor. Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos. Oh! bondade, Oh! Poder, Oh! beleza, Oh! perfeição, queremos de alguma sorte merecer vossa misericórdia. Deus, Dai-nos a força no progresso de subir até Vós, Dai-nos a caridade pura, Dai-nos a fé e a razão, Dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde refletirá um dia a Vossa Santíssima imagem.

OFERECIMENTO

Divino Jesus, eu Vos ofereço este terço que agora vamos rezar, contemplando os mistérios de vossa redenção. Concedei-nos, pela intercessão de vossa mãe Maria Santíssima a quem nos dirigimos as virtudes que nos são necessárias para bem rezá-las e a graça de ganharmos as indulgências desta Santa devoção. Que assim seja. Amém.

EU, PECADOR

Eu, pecador, me confesso a Deus e a vós Pai que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha máxima culpa. Portanto, peço e rogo a bem-aventurada e sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista e aos santos, apóstolos São Pedro e São Paulo. E a vós Pai que rogueis por mim ó Deus nosso Senhor. Amém.

ATO DE CONTRIÇÃO

Senhor meu Jesus Cristo, Deus é homem verdadeiro, Criador e Redentor meu: por serdes Vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, e porque Vos amo e estimo, pesa-me, Senhor, de todo o meu coração; pesa-me também por ter perdido o céu e merecido o inferno; e proponho firmemente, ajudado com o auxílio de Vossa divina graça, emendar-me e nunca mais ofender. E espero alcançar o perdão das minhas culpas pela Vossa infinita misericórdia. Amém.

CREDO

Creio em Deus-Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo seu único filho, Nosso Senhor que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu a mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo poderoso, de onde há de vir julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

GLÓRIA AO PAI

Glória ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Amado Jesus, Maria e José herdou os nossos corações, nossas almas, assiste nos com piedade, na última agonia. Amém.

JACULATÓRIA

Ó meu Jesus, perdoai-me e livrai-me do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu, principalmente aquelas que mais precisarem. Amém.

MISTÉRIOS GOZOSOS

1º - No primeiro mistério, contemplamos como a virgem Maria foi anunciada pelo anjo que havia de conceber e dar à luz a Cristo nosso redentor. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

2º - No segundo mistério, contemplamos como a virgem Maria foi visitar sua prima Santa Isabel e com ela ficou três meses. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

3º - No terceiro mistério, contemplamos como a virgem Maria deu à luz a Jesus Cristo em Belém. Por não achar lugar na estalagem da cidade reclinou-se num presépio. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

4º - No quarto mistério, contemplamos como a virgem Maria no dia da sua purificação apresentou seu filho no templo onde estava o velho Simão que tomando-o em seus braços deu louvores e muitas graças a Deus. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

5º - No quinto mistério, contemplamos como a virgem Maria tendo perdido seu filho que sem ela ficou em Jerusalém, o encontrou no terceiro dia no templo entre doutores disputando com eles. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

- 1 Glória ao Pai
- Ô Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós.
- 3 Ave Maria
- 1 Pai Nosso e 1 Ave Maria oferecido para o santo do dia.

OFERECIMENTO

Esta salva que rezamos a Maria oferecemos para que nos livre dos demônios e de suas más companhias, as contas de seu rosário são pesadas que combate o inferno dizendo Ave Maria, outra vez Ave Maria concebida sem pecado. Maria esteja conosco na vida e também na morte para que digamos todos bendito seja Maria, orai por nós.

Meu Jesus nos encomendo a flor em que nasceu a hóstia consagrada e à cruz em que morreu. Senhor meu Jesus soberano, rei da glória para que digamos todos Senhor Deus de misericórdia. Misericórdia meu Deus, Misericórdia Senhor, Misericórdia a vós peço estes grandes pecadores. Por nossa divina chagas, por nosso divino amor, por morte e paixão, Misericórdia Senhor.

Senhor Deus misericórdia, Senhor Deus pequei, Senhor misericórdia. Senhor Deus, pelo amor de nossa mãe Maria Santíssima, misericórdia. Ó minha misericórdia a minha gloriosa Santana. Socorrei vossos filhos pecadores. Amém.

O que será de mim meu Deus, o que será de mim sem vós. Permitas meu Jesus que não me afaste de vós. Jesus é meu, do meu coração, se a vós ofendi-vos peço perdão. Perdoai meu Jesus sagrada morte e paixão, neste mundo a vossa graça e na outra salvação.

SONHO DE NOSSA SENHORA

Quem quiser ouvir o sonho de Nossa Senhora em voz alta no monte das Oliveiras, no trono das cerimônias onde meu Senhor Jesus Cristo encostou e tão grande suspiro deu que acordou o anjo São Gabriel. Gabriel vamos a cerimônia com a virgem Maria minha mãe. Minha mãe se eu dormir vós me vigiai. Meu filho, meu bento filho nem durmo e nem vigio essa noite. Esta noite sonhei um sonho que vi a lua gemer, o sol suspirar. Sua coroa de espinho coroadada, seu rosário. Então, duras cordas amarrando seu bendito sangue derramado.

Quem o sonho de nossa Senhora não ensinar a sua alma há de penar. Quem ouve e não aprende, sua alma há de penar até o dia do Juízo.

Deus por mim nada será contra mim. (3x)

MISTÉRIO GLORIOSO

1º - No primeiro mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo triunfado da morte e dos tormentos ressuscitou ao 3º dia imortal e impassível. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

2º - No segundo mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo 40 dias depois da sua ressurreição subiu ao céu na presença de sua mãe santíssima e dos apóstolos. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

3º - No terceiro mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo assentado na mão direita do seu eterno Pai enviou o Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos no Cenáculo em companhia da virgem Maria. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

4º - No quarto mistério, contemplamos como a Imaculada mãe de Deus sempre virgem Maria terminando o curso da vida terrestre foi aceita em corpo e alma à Glória celestial. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

5º - No quinto mistério, contemplamos como a virgem Maria foi coroada por seu Divino filho no céu. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

MISTÉRIO DOLOROSO

1º - No primeiro mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo no Horto orou e suou sangue em tanta quantidade que chegou a correr pela terra. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

2º - No segundo mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo foi cruelmente açoitado em casa de Pilatos. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

3º - No terceiro mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo foi coroado de agudos espinhos pelos seus algozes. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

4º - No quarto mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo sendo condenado à morte carregou com grande paciência a cruz que lhe puseram aos ombros. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria)

5º - No quinto mistério, contemplamos como nosso Senhor Jesus Cristo chegando ao Monte Calvário foi despido e cravado na cruz com duros pregos à vista de sua aflita mãe. (1 Pai Nosso e 10 Ave Maria).

APÊNDICES

Apêndice 1 – Catálogo de plantas



Plantas Medicinais

*Registro fotográfico de plantas medicinais
encontradas nos quintais das benzedadeiras:
Raimunda e Valdeci*





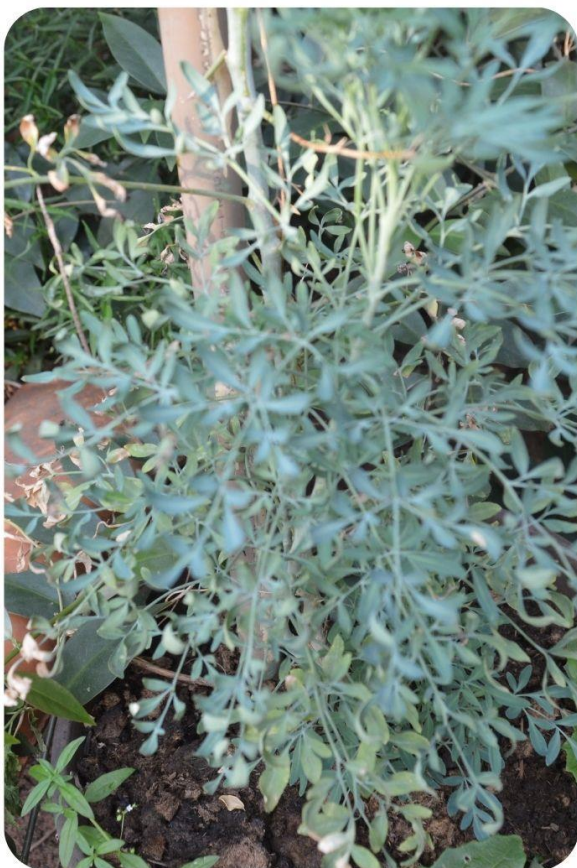
Quintal de dona Raimunda



Quintal de dona Valdeci



Alfavacão
(*Ocimum gratissimum*)



Quintal de dona Valdeci

Arruda
(*Ruta graveolens*)





Babosa
(*Aloe vera*)



Quintal de dona Raimunda



Quintal de dona Valdeci



Quintal de dona Valdeci

Boldo (*Verononia condensata*)



Quintal de dona Raimunda

Boldo (*Plectranthus grandis*)





Cana-de-macaco (*Costus*)



Quintal de dona Valdeci



Quintal de dona Valdeci



Quintal de dona Raimunda



Capim-santo
(*Cymbopogon citratus*)





Elixir paregórico
(*Ocimum seloi* Benth)

Quintal de dona Valdeci





Quintal de dona Valdeci

Erva cidreira
(*Lippia alba*)





Folha Santa
(*Kalanchoe pinnata*)



Quintal de dona Valdeci



Quintal de dona Raimunda

Quintal de dona Valdeci



Gervão

(Stachytarpheta cayennensis)





Hortelã
(*Mentha spicata*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Insulina
(*Cissus sicyoides*)





Jardineira
(*Alpinia zerumbet*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Malva-do-reino
(*Plectranthus amboinicus*)





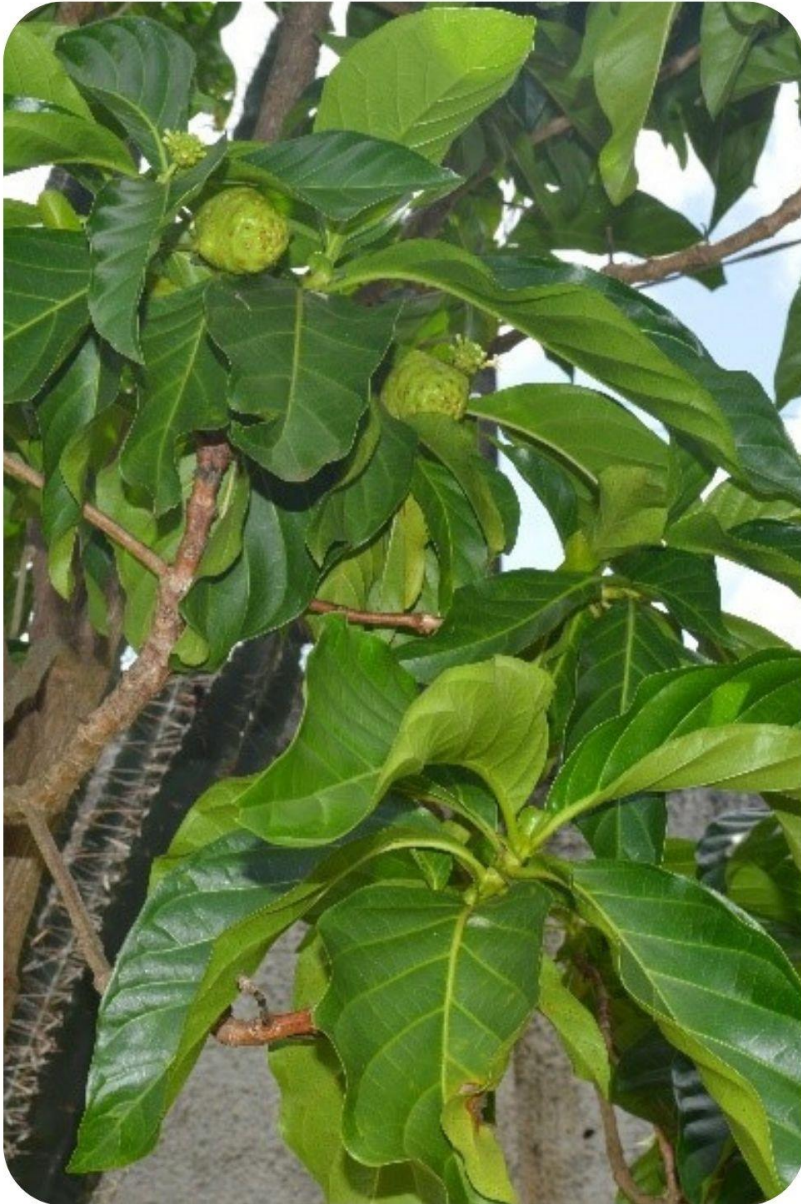
Mastruz

(Dysphania ambrosioides)



Quintal de dona Raimunda

Quintal de dona Raimunda



Noni
(*Morinda citrifolia*)





Ora-pró-nobes
(*Pereskia aculeata*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Pariri
(*Arrabidaea chica*)





Pau-d'algo
(*Gallesia integrifolia*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Pau-de-angola
(*Vitex agnus-castus*)



Quintal de dona Raimunda



Pau-ferro
(Libidibia ferrea)





Pinhão-branco
(*Jatropha curcas*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Raimunda



Pinhão-roxo

(Jatropha gossypifolia)





Quebra-pedra
(*Phyllanthus niruri*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Sete-dores
(*Plectranthus barbatus*)





Taioba

(Xanthossoma sagittifolium)



Quintal de dona Raimunda



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Tamarina
(*Tamarindus indica*)





Tipi
(*Petiveria alliacea*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Raimunda



Vassourinha
(*Scoparia dulcis*)





Velame
(*Croton heliotropiifolius*)



Quintal de dona Valdeci

Quintal de dona Valdeci



Quintal de dona Raimunda



Vinagreira
(*Hibiscus sabdariffa*)



